

Coleção Língua Portuguesa

TEORIA DA LITERATURA I

Yuri Jivago Amorim Caribé



UFPE

ISBN 978-65-5962-061-6



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)
SECRETARIA DE PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO ABERTA E DIGITAL (SPREAD)
COORDENAÇÃO GERAL UAB/UFPE

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacy Cunha de Araujo Filho

Secretário Geral SPREAD

José Alberto Miranda Poza

Coordenador Geral UAB/UFPE

Francisco Kennedy Silva dos Santos

Coordenador Adjunto UAB/UFPE

André Felipe Vieira da Cunha

Design Instrucional UAB/UFPE | Projeto gráfico

Gabriela Carvalho da Nóbrega

Diagramação

Hanna Kardenya da Silva

Revisão Textual

Daniel Carvalho Cisneiros Silva

Jade Maria Oliveira da Paz

Professor Conteudista Responsável

Yuri Jivago Amorim Caribé



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desta obra para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

C277t Caribé, Yuri Jivago Amorim.
Teoria da literatura I [recurso eletrônico] / Yuri
Jivago Amorim Caribé. – Recife : Ed. UFPE, 2021.
(Coleção Língua Portuguesa).

Inclui referências.
ISBN 978-65-5962-061-6 (online)

1. Literatura – Filosofia. 2. Literatura – História e crítica – Teoria,
et.. 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino. I. Título. II. Título da
coleção.

801 CDD (23.ed.)

UFPE (BC2021-070)

A Educação a Distância (EaD) tem tido cada vez mais relevância no contexto social brasileiro, uma vez que dá acesso ao ensino superior a uma significativa coletividade de estudantes que vivem em locais onde não há campi de universidades públicas. Atenta a essa realidade, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) investe na EaD, cumprindo, assim, um papel fundamental na formação de centenas de pessoas e, conseqüentemente, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida no país. A UFPE trabalha incansavelmente para a permanente melhoria da qualidade do ensino que oferece. Faz parte desse trabalho uma produção de bibliografia especializada a ser gratuitamente distribuída aos estudantes.

Este livro é parte de uma coletânea desenvolvida na Universidade Federal de Pernambuco, com o propósito de oportunizar a você, estudante da graduação em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa a distância), um material didático com qualidade teórica, didaticamente estruturado, com linguagem acessível e capaz de abordar temas de estudo relevantes ao seu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Esperamos que a leitura e o estudo atento desta obra possam contribuir para a ampliação de suas competências em linguagem, fomentando aprendizagens significativas e incitando novas leituras.

Marcela Regina Vasconcelos da Silva Nascimento
Coordenadora do curso de graduação em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa a Distância – Universidade Federal de Pernambuco



Sumário

1	Introdução à Teoria da Literatura	9
	<i>Objetivos de aprendizagem</i>	10
	<i>Introdução</i>	10
1.1	Teoria da Literatura	11
1.1.1	Literatura	11
1.1.2	Valor estético	13
1.1.3	Gêneros literários	14
1.2	Leitura literária: relações entre autor, obra e leitor	15
1.2.1	O autor	15
1.2.2	A obra	16
1.2.3	O leitor	17
1.3	Antecedentes da Teoria da Literatura	18
	<i>Revisando</i>	18
	<i>Saiba Mais</i>	19
	<i>Referências</i>	20
2	O discurso literário: noções fundamentais para a análise de uma obra literária	21
	<i>Objetivos de aprendizagem</i>	22
	<i>Introdução</i>	22
2.1	O conceito de literariedade	23
2.2	Introdução ao estudo dos gêneros literários: elementos constitutivos da ficção	27
2.3	O leitor de literatura	31
	<i>Revisando</i>	32
	<i>Saiba Mais</i>	33
	<i>Referências</i>	34
3	Principais correntes teórico-críticas da Literatura (Parte I)	35

Objetivos de aprendizagem	36
Introdução	36
3.1 Fortuna crítica e escolha do arcabouço teórico	37
3.2 Primeiras correntes teórico-críticas	38
3.2.1 Formalismo russo e métodos linguísticos	38
3.2.1.1 Breve histórico	38
3.2.1.2 Proposta da teoria/objetivos	39
3.2.1.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	41
3.2.1.4 Principais trabalhos	41
3.2.2 Estruturalismo	41
3.2.2.1 Breve histórico	41
3.2.2.2 Proposta da teoria/objetivos	43
3.2.2.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	44
3.2.2.4 Principais trabalhos	45
3.2.3 Nova crítica (<i>new criticism</i>)	45
3.2.3.1 Breve histórico	45
3.2.3.2 Proposta da teoria/objetivos	46
3.2.3.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	46
3.2.3.4 Principais trabalhos	47
3.2.4 Fenomenologia e crítica fenomenológica	48
3.2.4.1 Breve histórico	48
3.2.4.2 Proposta da teoria/objetivos	49
3.2.4.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	49
3.2.4.4 Principais trabalhos	49
3.2.5 Teoria narrativa/narratologia	49
3.2.5.1 Breve histórico	49
3.2.5.2 Proposta da teoria/objetivos	50
3.2.5.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	51
3.2.5.4 Principais trabalhos	52

3.2.6	Teoria marxista	52
3.2.6.1	Breve histórico	52
3.2.6.2	Proposta da teoria/objetivos	52
3.2.6.3	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	53
3.2.6.4	Principais trabalhos	53
	<i>Revisando</i>	54
	<i>Saiba mais</i>	54
	<i>Referências</i>	55
4	Principais correntes teórico-críticas da Literatura (Parte II)	57
	<i>Objetivos de aprendizagem</i>	58
	<i>Introdução</i>	58
4.1	Algumas das teorias críticas mais pesquisadas na contemporaneidade	59
4.1.1	O pós-estruturalismo	59
4.1.1.1	Breve histórico	59
4.1.1.2	Proposta da teoria/objetivos	59
4.1.1.3	Principais trabalhos	60
4.1.1.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	60
4.1.2	O desconstrutivismo	61
4.1.2.1	Breve histórico	61
4.1.2.2	Proposta da teoria/objetivos	61
4.1.2.3	Principais trabalhos	61
4.1.2.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	62
4.1.3	O novo historicismo (<i>new historicism</i>) ou materialismo cultural	62
4.1.3.1	Breve histórico	62
4.1.3.2	Proposta da teoria/objetivos	62
4.1.3.3	Principais trabalhos	63
4.1.3.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	63

4.1.4	A estética da recepção e a <i>reader-response theory</i> (teoria do efeito de leitura)	63
4.1.4.1	Breve histórico	63
4.1.4.2	Proposta da teoria/objetivos	64
4.1.4.3	Principais trabalhos	64
4.1.4.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	65
4.1.5	Os estudos culturais (<i>cultural studies</i>)	65
4.1.5.1	Breve histórico	65
4.1.5.2	Proposta da teoria/objetivos	65
4.1.5.3	Principais trabalhos	66
4.1.5.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	66
4.1.6	Os estudos étnicos e as teorias pós-colonialistas	67
4.1.6.1	Breve histórico	67
4.1.6.2	Proposta da teoria/objetivos	67
4.1.6.3	Principais trabalhos	68
4.1.6.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	68
4.1.7	Os estudos de gênero e a crítica literária feminista	69
4.1.7.1	Breve histórico	69
4.1.7.2	Proposta da teoria/objetivos	69
4.1.7.3	Principais trabalhos	70
4.1.7.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	71
4.1.8	Sexualidade e teoria <i>queer</i> (<i>gay and lesbian studies</i>)	71
4.1.8.1	Breve histórico	71
4.1.8.2	Proposta da teoria/objetivos	73
4.1.8.3	Principais trabalhos	73
4.1.8.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	74
4.1.9	As correntes psicanalíticas e a crítica literária psicanalítica	74
4.1.9.1	Breve histórico	74
4.1.9.2	Proposta da teoria/objetivos	74

4.1.9.3	Principais trabalhos	75
4.1.9.4	Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias	75
4.2	Outras possibilidades teóricas	75
	<i>Revisando</i>	76
	<i>Saiba mais</i>	77
	<i>Referências</i>	78

1

Introdução à Teoria da Literatura

Teoria da Literatura I

Yuri Jivago Amorim Caribé

Objetivos de aprendizagem

- 1 Definir literatura de acordo com as concepções tradicionais e também com as contemporâneas, demonstrando de que forma uma obra literária se configura como objeto de estudo;
- 2 Explicar os principais conceitos relacionados ao estudo das teorias literárias;
- 3 Apresentar um breve histórico da Teoria da Literatura.

Introdução

Neste capítulo apresentaremos a disciplina Teoria da Literatura I como uma importante ferramenta para a realização de pesquisas relacionadas aos Estudos das Literaturas de Língua Portuguesa. Para iniciar essa discussão, aprenderemos sobre a compreensão da literatura como um objeto de estudo e, conseqüentemente, sobre o surgimento das teorias literárias. Para tanto, apresentaremos um breve ensaio sobre o que consideramos como literatura e de que maneira ela é produzida e difundida por todo o mundo. Cabe ressaltar (conforme dissemos antes) que, nesse caso, trataremos as obras literárias das Literaturas de Língua Portuguesa (em sua diversidade de gêneros literários) como foco principal dessa discussão. Em seguida, falaremos dos processos relacionados à leitura de uma obra literária e também às teorizações envolvendo determinada obra. Finalmente, discorreremos sobre a consolidação da Teoria da Literatura no século XX. Em suma, nossa pretensão com este capítulo é mostrar como e por que teorizar a literatura.

1.1 Teoria da Literatura

Inicialmente é importante colocar que as teorias da literatura, preferimos tratar assim, no plural, conforme (COMPAGNON, 1999, p. 23) congregam textos de natureza acadêmica e de áreas diversas (Psicologia, Sociologia, Filosofia etc.), incluindo os Estudos Literários. Também é relevante dizer que as teorias da literatura têm funções diversas (analisar, conceituar, criticar, resenhar, comparar com outra obra, etc.) diante de determinado objeto de estudo literário. Logo, essas teorias pretendem problematizar, discutir uma obra literária ou, em outras palavras, teorizar a respeito dela. Sim, são as reflexões geradas a partir de leituras de obras literárias que chamamos de teorias, embora a área de estudo/pesquisa seja mais conhecida na forma singular: Teoria da Literatura (em Inglês o termo equivalente é *Theory of Literature*). Há também o termo Teoria Literária, que Compagnon (1999, p. 24-25) diferencia de Teoria da Literatura, mesmo dizendo que as duas formas se configuram como elementos teóricos de análise de uma obra literária, mas de tradições diferentes. Ambos fazem referência às teorias da literatura.

1.1.1 Literatura

Mas será que toda obra literária reivindica um estudo a seu respeito? O que estamos tratando como literatura? Essas questões, inclusive, são propostas de teorização da Teoria da Literatura enquanto área do conhecimento. Alguns pesquisadores podem, então, querer determinar/caracterizar se um determinado trabalho artístico pode ou não ser considerado como uma obra literária. Discute-se ainda se determinada produção possui “valor estético” e/ou “linguagem literária” (critérios comumente utilizados por alguns críticos). Aliás, o termo literatura é usado genericamente para se referir a vários grupos de textos que não possuem linguagem literária: literatura acadêmica (ou especializada, que compreende a literatura jurídica, a médica etc.), literatura de autoajuda etc. Nesse sentido, o pesquisador britânico Terry Eagleton (1943-) acrescenta que:

“Um segmento de texto pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado por seu significado arqueológico. Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. (EAGLETON, 2006, p. 13).”

Vale ressaltar que Eagleton é um dos precursores da pesquisa sobre Teoria da Literatura na contemporaneidade, tendo lançado diversas obras de referência entre os anos 1960 e os dias de hoje (década de 2020). Em uma delas, faz diversas provocações no sentido de definir literatura e até afirma que “talvez a Literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar.”(EAGLETON, 2006, p. 3-5). Assim, em vez de adentrar uma discussão em que prevaleça a questão dos gêneros literários, inicialmente fala em “linguagem literária” para tentar explicar o termo literatura. Logo, chamaremos inicialmente de literatura toda produção artística que possua linguagem literária, sejam contos, poemas, romances, novelas, peças de teatro, crônicas, dentre outros gêneros literários mais conhecidos tradicionalmente.

Lembramos, no entanto, que essa definição pode (e deve) ser questionada/ revista, uma vez que está ligada à questão do valor, sabendo que a valorização de uma obra não é algo imutável. Isso significa que uma obra pode ser reconhecida como literatura hoje, porém essa definição pode ser rejeitada no século seguinte, conforme nos lembra Eagleton (2006, p. 15-16):

“Os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e com o que não se considera – não necessariamente no sentido de que o estilo tem de ser ‘belo’ para ser literário, mas sim de que tem de ser do tipo considerado belo; ele pode ser um exemplo menor de um modo geralmente considerado como valioso.”

Em resumo: o que nos interessa (e à Teoria da Literatura) é a literatura que, por exemplo, apresente linguagem literária, e que, portanto, foi produzida artisticamente, ainda que a crítica aponte a questão mercadológica de algumas obras.

Cabe lembrar, no entanto, que determinada obra literária pode não se destacar pela linguagem literária, mas por técnicas narrativas aparentemente inéditas (ou pouco utilizadas), levando críticos e acadêmicos (eventualmente podem ocupar a mesma função) a considerá-la, sim, como literatura.

1.1.2 Valor estético

Nesse sentido, é bastante polêmico caracterizar o que possui ou não valor estético, especialmente para a academia e para a crítica literária especializada (CARIBÉ, 2017). Muitos romances, por exemplo, são julgados por essas duas vertentes e desconsiderados em seguida. Passam a ser marginalizados em termos de pesquisa, ainda que se tornem populares (como os *best-sellers*). Essa marginalização pode ser justificada por uma série de critérios adotados para julgar e classificar os trabalhos artísticos, critérios ora assertivos, ora questionáveis. De toda forma, as obras marginalizadas sofrem uma espécie de apagamento de seu registro histórico, sendo inclusive omitidas de compêndios conhecidos como antologias literárias. Sugerimos que sempre ouçam as colocações dos críticos, visto que são especialistas, mas que também façam seus próprios julgamentos. Ainda assim, não podemos deixar de reconhecer que alguns escritores e obras são marginalizados nos Estudos Literários. Consequentemente, essas obras não chegam a ser teorizadas. Precisam ainda ser reconhecidas como obras literárias, um caminho às vezes longo.

1.1.3 Gêneros literários

Um dos fatores que pesa na avaliação sobre o valor estético de obras artísticas é o tempo, que determinará o interesse por essa obra, ou sua longevidade. Vejamos o caso das peças, poemas e sonetos de William Shakespeare, reconhecido dramaturgo e poeta que viveu na Inglaterra elisabetana: são até hoje lidos e adaptados para formatos diversos, sabendo que foram produzidos entre o final do século XVI e o início do século XVII. Há obras ainda mais antigas que as de Shakespeare e que permanecem lidas, discutidas e adaptadas para cenários diversos. O romance *Dom Casmurro*, do escritor brasileiro Machado de Assis, é outro exemplo. Sua primeira edição foi publicada no ano de 1900, mas até hoje (século XXI) é reeditada, traduzida e adaptada.

De toda forma, é interessante perceber que a linguagem literária a que nos referimos anteriormente pode ser encontrada em biografias, diários (de ficção e não ficção), cartas (de ficção e não ficção), mas também em obras audiovisuais como um filme, uma novela, uma ópera, dentre outros formatos. Gostaríamos assim de salientar que na contemporaneidade o conceito de literatura (e tudo aquilo que podemos incluir nesse grupo), deve ser revisto e ampliado de forma a congregiar gêneros em que a linguagem verbal não seja o único suporte, especialmente tendo em vista que as literaturas também incluem obras do campo da oralidade.

Glossário

- **Best-seller:** obras literárias que alcançaram um grande volume de vendas.
- **Valor estético:** fator a ser analisado pela academia e pela crítica literária especializada para julgar determinado trabalho artístico, situando-o ou não como uma obra literária.
- **Gênero literário:** categoria de obra literária. Os gêneros literários mais conhecidos e praticados no Brasil são a peça, o conto, a crônica, o romance e o poema.

1.2 Leitura literária: relações entre autor, obra e leitor

Neste tópico trataremos de três importantes elementos a serem considerados em pesquisas teóricas que tem uma obra literária como principal objeto de estudo, quais sejam o autor (o escritor), a obra literária em si e o público leitor dessa obra.

1.2.1 O autor

Em uma discussão de cunho teórico dentro dos Estudos Literários, é importante pensar nas relações entre autor, obra literária e leitor. O autor é o responsável pela criação artística da obra caracterizada como literária. Em uma análise crítica de uma determinada obra literária (baseada em teorias diversas), é preciso estudar o viés ideológico desse autor, seu engajamento em questões de seu tempo, sua pretensão autobiográfica, suas preferências em termos de gêneros literários, suas pautas, linguagens, dentre outros fatores. Fala-se em conhecer a fortuna crítica de determinado escritor: pesquisar sobre o que já foi publicado a seu respeito. Nesse ponto, o pesquisador deve procurar conhecer a produção literária desse escritor e caracterizá-la para, em seguida, ver o que os críticos e demais especialistas escreveram sobre ela. A trajetória de vida desse autor deve ser levada em consideração, desde que traços dessa trajetória sejam percebidos em suas obras. Queremos dizer com isso que os escritores devem ser valorizados enquanto artistas, mas suas obras é que se imortalizam (ou não).

Portanto, deve-se pensar mais na produção de um trabalho artístico representativo para os Estudos Literários e na interpretação posterior desse trabalho. Um autor não deve tentar prever as leituras possíveis para sua obra, deve deixar que o texto produzido ganhe autonomia através de seus leitores e de suas respectivas interpretações. Afinal, um escritor de uma obra de ficção voluntariamente publicada sentiu em algum momento necessidade de contar uma história. Assim, escolheu uma forma (que se configurou em um gênero literário) e concluiu seu trabalho. Havia, portanto, um desejo de comunicar algo a um determinado público. Essa vontade se concretizou com a produção da obra em si. As entrevistas que alguns escritores dão sobre suas obras são, portanto, bastante tendenciosas,

mas nem por isso são desinteressantes. O que queremos enfatizar é que essa leitura que o escritor faz de sua própria obra não é a mais correta, muito menos a leitura dos críticos ou dos fãs desse escritor.

Pesquise

Pesquise a ideia de “morte do autor” nos Estudos Literários. Ela surgiu a partir da discussão proposta pelo crítico literário francês Roland Barthes (1915-1980) na obra “A morte do autor: o rumor da língua” (2004). Referência: BARTHES, Roland. *A morte do autor: o rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

1.2.2 A obra

Há muitos fatores envolvidos na publicação de uma obra literária e que interessam à Teoria da Literatura. Entendemos que talvez o mais relevante seja o contexto de publicação sócio-histórico-político. Em outras palavras, há uma conjuntura de fatores que culminam na publicação de determinada obra literária por uma editora.

Os processos editoriais foram se aperfeiçoando ao longo dos séculos. Partiram da invenção da máquina de reprodução tipográfica no final do século XV e chegaram ao modelo que encontramos hoje: alguém escreve algo (o autor, a que nos referimos no tópico anterior) e alguém o publica, normalmente uma empresa. Não há dúvidas de que o valor comercial dessa obra é levado em consideração. Assim, os leitores escolhem os gêneros que mais gostam e esses passam a ser mais comercializados. A obra, então, não é analisada apenas na questão do valor estético, mas também pelo seu viés comercial.

Outro ponto importante é a figura do editor, um profissional acostumado com produções literárias de vários tipos e que, portanto, deve ser ouvido. Ele opina sobre a construção da obra e/ou sobre a manutenção ou alteração das partes que a compõem. Essas observações têm por objetivo moldar a obra ao pretensão público-leitor, com quem o editor costuma estar mais familiarizado que o autor.

De toda forma, as visões sobre uma determinada obra literária são distintas entre autor e editor e também entre autor e leitor, e a questão de agregar valor está sempre em discussão.

Conforme dissemos antes, fatores sociais, históricos e políticos podem interferir, favorecer ou desfavorecer a publicação de determinadas obras, o que chamamos de contexto. Alguns temas abordados em obras literárias são considerados mais relevantes que outros, o que pode gerar uma discussão favorável ao lançamento de determinados romances, por exemplo.

De toda forma, as visões sobre as obras é que estão em discussão, por isso abordamos a questão de teorizá-las. A academia, a crítica literária especializada e o grande público são três importantes variáveis que devem ser levadas em consideração para a conversa sobre teorização da literatura.

1.2.3 O leitor

É difícil mensurar o leitor de uma obra literária antecipadamente. Isso é quase sempre uma incógnita. De toda forma, o leitor é o ponto chave de nossa discussão, visto que são os leitores (especializados) que discutem (a partir de suas leituras) uma determinada obra literária, teorizando-a. Os leitores mudam de tempos em tempos, se interessam mais por determinada obra e deixam de lado tantas outras. Seguem uma trajetória de busca por determinados assuntos de acordo com uma série de variáveis.

Em suma, a conexão principal entre uma obra literária e a Teoria da Literatura é o leitor e sua leitura crítica dessa obra.

Assista

Sugerimos assistir a mesa-redonda “Aproximações: Leitor, Leitura, Teoria, Teóricos”, que aconteceu em formato remoto durante o Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) de 2020. Trata-se de um aprofundamento feito a partir das reflexões de diversos especialistas sobre as questões teóricas que iniciamos neste capítulo, com foco nos possíveis leitores de uma obra literária. Endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=YnziNHjJVR0> (Página da ABRALIC no YouTube).

1.3 Antecedentes da Teoria da Literatura

Ao longo da história da literatura, foram escritos vários textos sobre a natureza do texto literário e também sobre o fazer literário, como a **Poética** (2011), do filósofo grego Aristóteles, que viveu entre 384 e 322 a.C. Trata-se de uma obra de referência escrita na Grécia Antiga ainda durante o período clássico (entre o século VI e o século V a.C.). Aristóteles, que foi aluno de Platão (outro grande filósofo grego) deixou, então, duas obras importantes que até hoje são estudadas como textos fundadores da Teoria da Literatura: **Poética** (2011) e **Retórica** (2017).

Contudo, apenas no século XX (bem recentemente) a Teoria da Literatura foi formalizada e batizada dessa forma. Há, portanto, referências aos conceitos mais antigos de retórica, poética e estética, que serviram de base para muitas das correntes críticas que estudaremos nos próximos capítulos.

Revisando

Neste capítulo apresentamos o conceito de Teoria da Literatura, seus objetivos enquanto disciplina e seu objeto de estudo. Também trouxemos alguns conceitos que vão nortear as próximas discussões.

Saiba mais

Livro: SOUZA, Roberto Acízelo. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

Essa obra do premiado escritor e pesquisador Roberto Acízelo de Souza traz um panorama acerca dos Estudos Literários com foco em Teoria da Literatura. Apresenta um recorte das principais correntes teóricas e críticas e, ao mesmo tempo, reflete sobre o papel da literatura ao longo dos séculos.

Livro: WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura e Metodologia dos Estudos Literários**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

A reconhecida dupla de pesquisadores e críticos literários Wellek (1903-1995) e Warren (1899-1986) ganhou notoriedade ao publicar essa importante obra, referência no campo da Teoria da Literatura. Nela encontramos um estudo focado nas diversas questões que envolvem uma pesquisa em torno de uma obra literária, bem como considerações acerca da relação entre literatura e outros campos do saber.

Website da Revista Brasileira de Literatura Comparada: revista.abralic.org.br.

Este não se trata apenas do website de uma revista acadêmica do campo da literatura. Trata-se da revista que representa a Associação Brasileira de Literatura Comparada, sendo esta (a Literatura Comparada) um importante braço dos Estudos Literários. Nesse site, é possível encontrar diversos estudos teóricos sobre obras literárias diversas, com foco em obras das Literaturas de Língua Portuguesa.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2017.

CARIBÉ, Yuri Jivago Amorim. **Formando novos cânones literários**: a publicação de autores contemporâneos em tradução pelo engajamento da Academia, da Crítica Literária e do Mercado Editorial. *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 21-32, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/11452>. Acesso em: 04 out. 2020.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

2

O discurso literário: noções fundamentais para a análise de uma obra literária

Teoria da Literatura I

Yuri Jivago Amorim Caribé

Objetivos de aprendizagem

- 1 Trabalhar os conceitos de “literariedade” e ficcionalidade para caracterizar o entendimento de uma obra como “literária”;
- 2 Apresentar os gêneros literários mais citados e utilizados, dando exemplos e dicas de leitura;
- 3 Discutir o papel do leitor de literatura como pesquisador diante das teorias.

Introdução

Neste capítulo nos aprofundaremos um pouco mais na discussão que pretende delimitar o objeto de estudo da Teoria da Literatura, qual seja, a própria literatura ou aquilo que deveria ser reconhecido como obra literária. Voltaremos então a tratar do termo “linguagem literária” e apresentaremos o conceito de “literariedade”, trazendo especialmente a visão dos formalistas russos sobre as características de uma obra literária. Falaremos ainda da ficcionalidade como outro fator (ou critério) utilizado para fazer esse reconhecimento do objeto literário. Em seguida, trataremos do valor estético, outro critério utilizado. Finalmente, faremos um passeio panorâmico sobre a história dos gêneros literários e conheceremos as principais classificações nesse sentido. Por fim, refletiremos sobre o papel do leitor diante de obras literárias e uma pretensa pesquisa envolvendo teorias da literatura.

2.1 O conceito de literariedade

Conforme explicado no capítulo anterior, uma primeira discussão “teórica”, sobre literatura envolve as tentativas de delimitação do objeto, afinal “é necessário definir literatura para definir o estudo literário.” (COMPAGNON, 1999, p. 30). Nesse sentido, falaremos de alguns conceitos que nos ajudarão a caracterizar o termo literatura de forma mais aprofundada neste capítulo para, quiçá, tentar defini-lo. Trataremos do conceito de “literariedade”, da questão da “ficcionalidade” e também da função estética.

Inicialmente retomaremos a questão da presença de um discurso literário ou de uma “linguagem literária” como critério para que uma obra seja considerada literatura, o que nos lembra do conceito de “literariedade”, discutido por Compagnon (1999). Segundo esse pesquisador, o termo “literariedade” foi inicialmente empregado pelos formalistas russos, especialmente por Roman Jakobson (1896-1982), reconhecido linguista que publicou alguns trabalhos importantes da área de Teoria da Literatura durante a primeira metade do século XX, chegando até 1960.

Esse grupo de pesquisadores, que incluía Jakobson, tinha por objetivo dar certo protagonismo à Teoria da Literatura como uma área do saber autônoma e, ao mesmo tempo, distanciá-la de outros campos de pesquisa. Uma forma de se fazer isso seria caracterizando melhor o objeto de estudo da Teoria da Literatura, qual seja, a literatura em si mesma. Tentaram então aposentar definições antigas que tratavam, por exemplo, das possíveis “funções da literatura”: representar a realidade ou funcionar como um objeto de expressão de seu autor (COMPAGNON, 1999, p. 40-41). Assim, como linguistas (e estruturalistas), os formalistas russos focaram na questão da linguagem das obras literárias como critério para definir literatura.

Para Souza (2007, p. 51), a literariedade pode ser compreendida como um “modo especial de elaboração da linguagem inerente às composições literárias, caracterizado por um desvio em relação às ocorrências mais comuns da linguagem”. Logo, podemos inferir que esse grupo dos formalistas russos elaborou um critério que depende de um método de base linguística para classificar as obras

como literárias. Em suma, para os formalistas russos “o uso cotidiano da linguagem é referencial e pragmático, o uso literário da língua é imaginário e estético. A literatura explora, sem fim prático, o material linguístico.” (COMPAGNON, 1999, p. 40). Compagnon relata ainda que, ao longo dos anos, essa discussão foi se fragilizando porque “como não existem elementos linguísticos exclusivamente literários, a literariedade não pode distinguir um uso literário de um uso não literário da linguagem.” (1999, p. 42-43).

Jakobson então substituiu o termo literariedade por “poética” em 1960, com o lançamento de outra obra de referência. Esse termo inclusive nos lembra da obra citada no capítulo anterior, qual seja, a **Poética** de Aristóteles, um dos primeiros trabalhos teóricos sobre literatura. Baseando-se em estudos linguísticos sobre “funções comunicativas”, Jakobson delimitou aquelas que seriam as seis funções mais recorrentes nos textos (de natureza diversa): expressiva, poética, conativa, referencial, metalinguística e fática. Assim, a função poética seria a função dominante em uma obra literária (literatura ou texto poético). Ainda assim, a argumentação em torno desse conceito permanece frágil, visto que:

“ (...) por um lado, certos textos literários não se afastam da linguagem cotidiana (como a escritura branca, ou behaviorista, a de Hemingway, a de Camus). Sem dúvida, é possível reintegrá-los, acrescentando que a ausência de marca é, ela mesma, uma marca, que o cúmulo da desfamiliarização é a familiaridade absoluta (ou o cúmulo da obscuridade, a insignificância), mas a definição de literariedade no sentido restrito, como traços específicos ou flexíveis, como organização específica, não é menos contraditória. (COMPAGNON, 1999, p. 42-43).”

Dessa forma, entendemos que a presença dessa “marca” é algo questionável, visto que é possível localizar traços literários em textos de linguagem não literária (como o texto publicitário, por exemplo). Trata-se, portanto, de uma forma de avaliação que inclui apenas parte do que poderia ser considerado como literário. Esses critérios são, na verdade, juízos de valor que se confundem com preconceitos ou preferências (COMPAGNON, 1999, p. 42-43) e estão alinhados com as obras que os inspiraram. Queremos dizer com isso que os formalistas russos

trataram todas as formas literárias como poesia e escreveram sobre características presentes na poesia.

Outro critério usado no passado para classificar uma obra como “literatura” seria a ficcionalidade, ou seja, o distanciamento da realidade. Logo, percebemos aproximações e distanciamentos entre os termos literatura e ficção “como se a Literatura fosse a ficção entediante, e a Ficção a literatura divertida.” (COMPAGNON, 1999, p. 30-33) ou popular. Assim, o termo ficção passou a ser amplamente utilizado e popularizado. Alguns *websites* como o portal Amazon (que comercializa livros e outros produtos) preferem os termos “ficção literária” ou ainda “literatura e ficção”, “ficção feminina” e o confuso termo “ficção histórica” para categorizar obras literárias que, em princípio, foram livremente criadas por seus autores, o que agregaria certo valor a elas. Logo, podemos afirmar que, definitivamente, a definição do que é literatura ou do que podemos considerar como literário em termos acadêmicos/científicos não dialoga com as visões desses portais que comercializam obras literárias.

Também vale acrescentar que o Realismo, como corrente criativa de obras literárias/artísticas, foi bastante valorizado durante certo tempo em literaturas de vários países do mundo, sem que isso diminua o valor de obras não realistas. No Brasil, por exemplo, segundo a Teoria da Literatura, esse movimento foi verificado especialmente no final do século XIX com a publicação de **Memórias póstumas de Brás Cubas** (2014), em 1881, pelo escritor Machado de Assis (1839-1908). Na sequência dessa obra vieram outras consideradas realistas, o que agradou grande parte do público-leitor do Brasil durante certo tempo. Enfim, hoje o realismo como característica literária não é suficiente para que uma obra seja reconhecida como literatura. O que podemos concluir é que uma obra pode ser completamente ficcional e ser colocada no grupo de obras literárias.

Finalmente, fala-se sobre a problemática da questão/função/experiência estética ou ainda do “valor estético” de uma obra para que esta possa ser considerada como literária, embora Wellek e Warren (2003, p. 17) digam que se trata de “uma concepção estreita de literatura excluir toda a arte de propaganda ou a poesia didática e satírica.” (uma vez que o valor estético percebido nesses formatos é muito particular). Mesmo assim, essa dupla de pesquisadores fez

um ensaio muito interessante sobre a questão da experiência estética causada por um objeto estético (um romance, por exemplo). O objeto estético “me interessa pelas suas próprias qualidades, o qual não tento reformar ou transformar em parte de mim mesmo nem possuir ou consumir.” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 328). Logo, escolhemos um livro para ler baseado em uma série de critérios intrínsecos e extrínsecos (todos eles bastante tendenciosos, como já podemos perceber), transformando-o assim em um objeto estético. Uma vez definido o objeto estético, é hora de saber (durante e após a leitura desse objeto) se ele de fato é capaz de proporcionar a seu leitor uma experiência estética. Nesse sentido, acrescentam:

“A experiência estética, nossos teóricos contemporâneos concordam, é uma percepção da qualidade intrinsecamente agradável e interessante, que oferece um valor final e uma amostra e prenúncio de outros valores finais. Ela está ligada ao sentir (prazer-dor, resposta hedonista) e aos sentidos, mas objetiva e articula o sentir – o sentir encontra, na obra de arte, um “correlato objetivo” e distancia-se da sensação e da conação pela estrutura de ficcionalidade do seu objeto. (...) A experiência estética é uma forma de contemplação, uma atenção amorosa para com qualidades e estruturas qualitativas. (WELLEK; WARREN, 2003, p. 328)”

Consideramos, então, que a questão de uma determinada obra literária (a que chamamos de objeto estético) precisa obrigatoriamente proporcionar a seus leitores uma “experiência estética” (para que possa assim ser considerada como obra literária) é algo bastante subjetivo, assim como os critérios apontados anteriormente (literariedade e ficcionalidade).

A questão da experiência estética é também um critério formalista, mas não menos importante. Há que se pensar globalmente em critérios diversos para, em seguida, julgar primeiramente o reconhecimento de uma obra como literária (o objeto estético em si). Em seguida, a missão será classificá-la como “boa literatura”, sendo essa etapa também bastante tendenciosa, afinal, essa obra é boa pra quem? Para que tipo de leitor? Essas são questões relevantes enfrentadas pelos especialistas em crítica literária, mas também por qualquer pesquisador atuante

dentro dos Estudos Literários.

Você sabia?

A questão do valor estético para a Teoria da Literatura nos remete ao movimento do Esteticismo, ocorrido ao final do século XIX em alguns países da Europa. Os estetas (como ficaram conhecidos) defendiam a produção de obras artísticas (incluindo as literárias) sem nenhuma forma de interferência, que não a arte propriamente dita

2.2 Introdução ao estudo dos gêneros literários: elementos constitutivos da ficção e da poesia

Alguns dos primeiros trabalhos teóricos sobre literatura foram dedicados ao estudo do que hoje chamamos de “gêneros literários”, movimento que ficou conhecido como teoria dos gêneros. Essa teoria identifica e classifica as obras literárias levando em conta algumas características específicas, como a forma, o recurso e as estruturas presentes nessas obras, além das semelhanças com outras obras do mesmo tipo. Trata-se, então, de uma classificação não por tempo ou lugar, como a que a academia costuma fazer quando aloca determinada obra dentro de um movimento. É uma classificação que investiga as estruturas especificamente literárias dessa obra, tentando reconhecê-la como pertencente a um determinado padrão (WELLEK; WARREN, 2003, p. 307).

Essa discussão sobre gêneros literários se iniciou ainda com as obras **Poética** (2011) e **Retórica** (2017), de Aristóteles, e também com *A República* (2014), de seu mestre Platão, mas permanece até os dias de hoje, visto que novos gêneros literários foram (e continuam sendo) criados e recriados, na medida em que a literatura continuou a ser praticada por autores do mundo todo. A obra *Poética* de Aristóteles tratava dos textos poéticos, ou seja, daqueles que possuíam linguagem metrificada (SOUZA, 2007, p. 26), enquanto a *Retórica* se dedicava aos textos em prosa. Nesse sentido, Culler (1999, p. 75-76) faz um bom resumo sobre a forma como esses pensadores gregos estabeleceram, ainda nesse período (Antiguidade

clássica), apenas três classificações para os gêneros literários:

1. **Gênero poético ou lírico:** o poeta, ao cantar ou entoar, se coloca em primeira pessoa e vira as costas para seu público, fingindo estar falando consigo mesmo ou com outra pessoa (um espírito da Natureza, uma Musa, um amigo pessoal, um amante, um deus, uma abstração personificada ou um objeto natural);
2. **Gênero épico ou narrativo:** nesse gênero o narrador fala com sua própria voz e recita o poema em voz alta confrontando o público, mas também permite que outros personagens falem com a voz deles;
3. **Gênero dramático (ou drama):** aqui os personagens (que estão no palco) fazem todas as vozes, enquanto o autor fica escondido.

Assim, percebemos que essa classificação é a matriz para os desmembramentos que ocorreram ao longo dos séculos dentro do estudo sobre os gêneros literários. Ressaltamos ainda que as obras literárias produzidas durante séculos foram classificadas apenas de acordo com esses nomes: como poesia (ou lírica), como epopeia ou épico (ou ainda como narrativa épica) e como drama. É preciso mencionar ainda que os dois últimos foram mais valorizados durante a Antiguidade clássica e estavam mais ligados à ideia de prosa poética. Já o gênero poético (a poesia em si) foi considerado um gênero menor.

A partir do século XIX, com o surgimento do Romantismo (e do romance), essa tríade aristotélica foi revista. Assim, a classificação mais comum passou a ser entre romance, teatro (peças) e poesia (poemas), inaugurando o que Compagnon chama de “sentido moderno de literatura” (COMPAGNON, 1999, p. 32). Nessa direção, Wellek e Warren (2003, p. 320) acrescentam que:

“A moderna teoria dos gêneros é claramente descritiva, não limita o número de tipos possíveis e não prescreve regras aos autores. Supõe que os tipos tradicionais podem ser “misturados” e produzir um novo tipo (como a tragicomédia). Percebe que os gêneros podem ser construídos com base na abrangência ou “riqueza” assim como na “pureza” (gênero por acréscimo assim como por redução). Em vez de enfatizar a distinção entre tipo e tipo, está interessada – segundo a ênfase romântica na singularidade de cada “gênio original” e de cada obra de arte – em encontrar o denominador comum de um tipo, os seus recursos literários compartilhados e o objetivo literário.”

As epopeias costumam ser mais conhecidas, por isso são traduzidas, adaptadas e lidas pelo mundo todo. São longas narrativas em versos, cheias de referências mitológicas, e que tratam das aventuras de um herói. O tom é nacionalista e solene e a linguagem costuma ser elaborada. Algumas são universais, como a **Odisseia**, de Homero, e Os **Lusíadas**, de Camões.

É importante dizer que, a partir do Romantismo, as narrativas épicas passaram a ser escritas em prosa, como a obra **A metamorfose** (1915), de Franz Kafka (1883-1924). De toda forma, podemos incluir as epopeias e os romances no grupo dos gêneros narrativos, em que percebemos a presença de um (ou mais) narrador(es), do tempo, do espaço, dos personagens e do enredo.

Desde seu advento entre os séculos XVIII e XIX, o romance foi bastante praticado no mundo todo, e no Brasil não foi diferente. Os primeiros romances apresentavam uma narrativa em prosa com caráter mais realista que as epopeias, visto que as personagens não incluíam mais reis, heróis fantásticos, seres mitológicos e acontecimentos surreais. Os personagens agora eram pessoas comuns, ainda que muitas vezes abastadas. No entanto, podemos dizer que o romance se flexibilizou na contemporaneidade (romance histórico, pós-colonialista, vitoriano, policial, realista, gótico, etc.) a ponto de incluir narrativas diversas (que não excluem a fantasia, por exemplo).

Em suma, temos o romance como uma obra narrativa mais longa e o conto como uma proposta de narração mais concisa. No grupo das narrativas em prosa

mais conhecidas, podemos citar ainda a novela e a fábula. Reforçamos a recomendação do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2014), de Machado de Assis, para fixar o entendimento acerca desse gênero e acrescentamos **O filho eterno** (2007), do escritor de literatura brasileira contemporânea Cristóvão Tezza (1952).

Na poesia, temos a ode, a elegia, o soneto etc. No Brasil, destacamos a poesia contemporânea de Vinicius de Moraes (1913-1980) e de Adélia Prado (1935). Lembramos que, no caso de um poema ou de uma canção (que também é um texto poético), não temos uma narração (uma história sendo contada), mas diversos elementos justapostos harmonicamente. Um poema se destaca pela combinação de palavras, sons, ritmo, rimas, frases e construções poéticas.

Por fim, temos as peças de teatro, como a tragédia, a comédia, o monólogo, a farsa e o auto, dentre tantos tipos. As peças são textos audiovisuais em sua essência, ou seja, foram criadas para serem performatizadas. Assim, são mais bem compreendidas quando assistidas no formato de peça (no teatro) ou adaptadas para o formato de filme. Dizemos isso porque a leitura de uma peça é uma tarefa de caráter técnico, mais amplamente praticada por produtores teatrais, diretores e atores que trabalham nesse ramo. Ainda assim, sabemos que leitores comuns também leem peças de teatro, além de estudantes/pesquisadores com interesse em Teoria da Literatura. Sabemos também que as peças são divididas em atos e os atos em cenas, que são numeradas. Incluem ainda as falas dos personagens e as rubricas do autor. Recomendamos a peça *O auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna, como exemplo representativo de texto dramático.

Refleta

Sugerimos uma reflexão sobre a questão da cultura da audiovisualidade nos Estudos Literários, um fenômeno que se acentuou na contemporaneidade. É interessante pensar em um texto literário que foi escrito não necessariamente para ser lido, mas performatizado (com imagem e som). Assim, temos no gênero dramático uma forma particular de literatura.

2.3 O leitor de literatura

Há que se fazer uma distinção importante nesse contexto (o de apresentação da área de estudos denominada de Teoria da Literatura): o leitor comum e o leitor profissional ou *professional reader* (LEFEVERE, 1992) de obras literárias. Um estudante da área de Letras em qualquer nível (graduação ou pós-graduação) estuda Teoria da Literatura (ou teorias da literatura) para que assim possa construir trabalhos acadêmicos de análise de obras literárias com base em discussões previamente reconhecidas. Queremos dizer com isso que, nesse caso, esse estudante atuará como leitor profissional. Ele fará uma leitura analítica da obra literária, geralmente por indicação de seus professores, tendo em mente que sua obrigação é problematizar essa narrativa com os referenciais teóricos pertinentes. Poderá, então, elaborar um artigo ou outro gênero acadêmico como produto que descreva esse percurso analítico. Logo, percebemos que o conhecimento teórico é fundamental nesse caso.

Apresentamos, em seguida, outra situação, que virá acompanhada de um exemplo: um estudante adquire o romance **O filho eterno** (2007), de Cristóvão Tezza, sabendo que a obra foi indicada por um colega em um contexto não acadêmico de leitura. Isso significa que o estudante não será submetido a qualquer tipo de avaliação que tenha essa obra como ponto central, em outras palavras, esse estudante fará uma leitura descompromissada de critérios de análise, conceitos, teorizações, classificações e elaborações de um problema de pesquisa. Trata-se, portanto, de uma situação em que o estudante será um leitor comum, alguém que, por enquanto, não precisa da Teoria da Literatura. É claro que, como esse leitor já possui ferramentas para uma análise, poderá inicialmente até ler de forma despretensiosa, mas é possível que depois se sinta motivado a pesquisar um tema ou questão que venha a surgir a partir dessa leitura. Esse romance poderá inclusive tornar-se seu objeto de estudo em uma monografia de conclusão de curso (seu curso de graduação), uma dissertação de mestrado ou até mesmo uma tese de doutorado.

De toda forma, queremos ressaltar que um estudante de graduação em Letras deverá ser capaz de promover um diálogo entre as obras literárias que já

leu (e as que ainda vai ler) e as leituras teóricas que lhe forem apresentadas na academia, bem como ser capaz de pesquisar referências teóricas que dialoguem com essas obras. Atuará como crítico, como pesquisador e como investigador. Trata-se, portanto, de um leitor profissional e especializado em formação. Esse leitor precisa das teorias para refletir cientificamente sobre determinadas obras literárias e, a partir dessas reflexões, elaborar trabalhos e gerar produtos.

Assista

Sugerimos assistir a um dos encontros do simpósio temático “A Teoria da Literatura e as novas tendências críticas: aproximações possíveis” em que esses temas foram mais discutidos. O encontro aconteceu em formato remoto durante o Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) em 02/09/2021. Endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=GCSBrz2sNho> (Página da ABRALIC no YouTube).

Revisando

Neste capítulo apresentamos algumas reflexões sobre importantes conceitos que nos permitem classificar uma obra como literária, aspecto de teorização da literatura bastante relevante. Conhecemos ainda a classificação dos principais gêneros literários praticados nas literaturas do mundo todo. Finalmente, refletimos sobre o papel dos leitores diante de obras literárias e de teorias que possibilitam a realização de pesquisas tendo essas obras como objeto de estudo.

Saiba mais

Website: CEIA, Carlos. Formalismo russo. *E-Dicionário de termos literários*.

Disponível em: <https://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/formalismo-russo/>.

Acesso em: 14 out. 2020.

Esse verbete do reconhecido E-Dicionário de termos literários traz mais informações sobre a corrente crítica do Formalismo russo, que renovou o conceito de “literariedade” e trouxe outros para análise.

Tese de doutorado: O ensino de literatura na perspectiva dos gêneros literários: uma proposta de trabalho, de Florêncio Caldas de Oliveira. OLIVEIRA, Florêncio Caldas de. **O ensino de literatura na perspectiva dos gêneros literários**: uma proposta de trabalho. Orientador: Ana Cristina Marinho Lúcio. 2010. 248 p. Tese de doutorado – Doutorado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2010.

A tese de Oliveira propõe uma experiência de ensino de literatura no ensino médio com base na teoria dos gêneros literários.

Revista Machado De Assis em linha. Disponível em: <https://machadodeassis.fflch.usp.br>.

Essa revista é dedicada a pesquisas em torno de obras machadianas, dentre elas a que citamos neste artigo (Memórias póstumas de Brás Cubas, 2014).

Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2017.
- CAMÕES. **Os lusíadas**. São Paulo: L&PM, 2008.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999. p. 75-76.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HOMERO. **Odisseia**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LEFEVERE, André. **Translation rewriting and the manipulation of literary fame**. Nova Iorque: Routledge, 1992.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2014.
- PLATÃO. **A república**. Trad. Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2007.
- TEZZA, Cristóvão. **O filho eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Trad. Luiz Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

3

Principais correntes teórico-críticas da Literatura (Parte I)

Teoria da Literatura I

Yuri Jivago Amorim Caribé

Objetivos de aprendizagem

- 1 Discutir o papel das teorias da literatura para a pesquisa que envolve obras literárias, bem como dos conceitos de arcabouço teórico e fortuna crítica;
- 2 Conhecer as primeiras teorias da literatura surgidas no século XX, bem como sua história, principais objetivos e trabalhos mais relevantes.

Introdução

Neste capítulo faremos um passeio nas primeiras teorias da literatura, enfatizando alguns pontos que nos parecem mais relevantes e citando algumas obras que se destacaram e seus respectivos autores. Não é nossa pretensão citar todos os autores de cada teoria e esgotar o tema, mas apenas fornecer subsídios para o começo de uma pesquisa em que essa teoria se encaixe e seja útil. A propósito, também não faremos distinção entre o que é considerado uma teoria para alguns e uma abordagem crítica ou uma corrente para outros. Para além desses enquadramentos, nosso papel é apresentar de forma panorâmica alguns trabalhos acadêmicos relevantes e reconhecidos para a realização de futuras pesquisas por parte de nossos alunos, estudantes de Letras. Ao final de cada explanação, indicaremos leituras que envolvem esse grupo de teorias, sempre enfatizando que esse recorte também não esgotará o tema.

3.1 Fortuna crítica e escolha do arcabouço teórico

Um primeiro passo na elaboração de um trabalho acadêmico de pesquisa (de natureza crítica/analítica) sobre determinada obra literária é trazer informações relevantes (selecionadas pelo pesquisador) sobre ela. Esse levantamento deve incluir dados como: breve histórico sobre a trajetória do escritor (incluindo influências recebidas), ano de publicação da obra, posicionamento da crítica literária especializada e da academia, possíveis prêmios recebidos, classificação (enquanto gênero literário) e escola literária a que pertence, dentre outras informações. A esse levantamento, necessário a todo trabalho de pesquisa acadêmica nos Estudos Literários, damos o nome de fortuna crítica.

Sabemos, no entanto, que o ponto de maior importância (no caso de uma pesquisa acadêmica) na elaboração da fortuna crítica de uma obra é o posicionamento da crítica literária especializada e, principalmente, o posicionamento da academia sobre ela. Assim, destacamos o papel das correntes teórico-críticas da literatura – ou das teorias da literatura – para a consecução de uma pesquisa acadêmica que tenha como objeto de estudo uma obra literária. Essas teorias vão nos ajudar a pensar melhor nessa obra sob determinados pontos de vista. Trata-se, então, de um estudo baseado em questões apresentadas pela própria obra, ou seja, é a obra que nos leva às teorias da literatura que usaremos. É a obra que nos guia na escolha do arcabouço teórico, mais precisamente são os temas e discussões verificados na obra que nos levam a determinadas teorias.

De toda forma, incluímos dentro do termo fortuna crítica todos os trabalhos publicados sobre determinada obra literária, sejam livros (ou capítulos de livro), artigos acadêmicos (publicados em revistas nacionais ou em *journals*), dissertações, teses, críticas formais veiculadas em jornais/portais de credibilidade reconhecida e depoimentos de críticos em canais dedicados à crítica literária. São, enfim, as referências diretas sobre essa obra.

Já o termo “arcabouço teórico” combina bem com o que apresentaremos a seguir: um resumo das principais correntes teórico-críticas da literatura, especialmente das primeiras, surgidas a partir da primeira metade do século XX. A escolha/seleção desse arcabouço demonstra a capacidade e a maturidade do

pesquisador em fazer boas reflexões críticas sobre determinada obra literária a partir de certas teorias.

Em suma, não falamos de quantidade, mas de selecionar bem os trabalhos que nos ajudarão a embasar as discussões estabelecidas. Nesse ponto, sugerimos que o pesquisador peça ajuda aos colegas, aos professores e aos orientadores (no caso de pesquisas orientadas, como a monografia de graduação, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado) para escolher com que correntes teórico-críticas vai preferir trabalhar.

Vale ressaltar que algumas correntes são ou estão sendo mais utilizadas atualmente (década de 2020) que outras. Isso ocorre porque alguns temas estão sendo mais trabalhados pelos escritores na atualidade, e esses temas dialogam melhor com determinadas teorias. Um exemplo disso é a quantidade expressiva de trabalhos que são embasados na teoria (ou estética) da recepção, por conta do interesse em tratar de questões como a circulação de determinada obra em sistemas literários diversos, a recepção a essa obra em cada sistema, dentre outras. A preferência por determinadas teorias é bastante flutuante, mas revela-se um bom indicador sobre os temas que mais interessam à ciência naquele momento.

Agora vamos conhecer algumas correntes teórico-críticas reconhecidas no século XX.

3.2 Primeiras correntes teórico-críticas

3.2.1 Formalismo russo e métodos linguísticos

3.2.1.1 Breve histórico

Inicialmente vamos lembrar a influência dos trabalhos do formalismo russo sobre as teorias da literatura. No capítulo anterior falamos do conceito de “literariedade” à luz dos formalistas, também da função poética da linguagem (aquela presente nos textos literários, segundo Jakobson) e do principal objeto de interesse e estudo das teorias elaboradas por esse grupo: a poesia (poemas). Agora falaremos também da importância da formação desse círculo de pesquisas, ocorrida bem no início do século XX, especialmente com a publicação dos trabalhos de

Roman Jakobson (1896-1982), Boris Eichenbaum (1886-1959) e Viktor Shklovsky (1893-1984), dentre outros, que formavam o chamado “Círculo Linguístico de Moscou” (CASTLE, 2007, p. 183). Esse grupo organizava reuniões com a finalidade de apresentar e discutir as pesquisas de seus integrantes dedicadas ao chamado estudo da produção poética. Esses trabalhos eram, obviamente, baseados em pressupostos linguísticos, especialmente advindos de conceitos saussureanos, em referência direta aos trabalhos do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), especialmente da reconhecida obra *Cours de Linguistique Générale*, inicialmente publicada em 1916 (no Brasil foi traduzida e publicada como Curso de Linguística Geral), (SAUSSURE, 1973).

3.2.1.2 Proposta da teoria/objetivos

Os métodos utilizados por esses pesquisadores para analisar determinada obra literária eram, sem dúvida alguma, métodos linguísticos, ou seja, eram pesquisas baseadas em “traços da linguagem” percebida nessa obra (SOUZA, 2007, p. 53). Logo, foram chamados de “formalistas” por conta do rigor e formalismo dessas análises literárias, que procuravam evidenciar somente traços marcantes do texto e julgá-los com critérios previamente estabelecidos. As pesquisas resumiam-se e restringiam-se então ao que Souza chama de “instância textual de análise”. (2007, p. 54).

Contudo, devemos entender que esse rigor pregado pelos formalistas russos pareceu necessário durante certo tempo, uma vez que eles pretendiam, com suas pesquisas, evidenciar o caráter autônomo da Teoria da Literatura como área do saber. Havia também algumas críticas às referências teóricas utilizadas pelos pesquisadores daquele tempo na análise de obras literárias. Eram referências consideradas frágeis como, por exemplo, obras do impressionismo e do positivismo crítico publicadas durante o século XIX, conforme relata Franco Júnior (2009). Então, os formalistas foram buscar na Linguística os métodos que, segundo eles, poderiam superar essas fragilidades no século XX. Assim, por privilegiar o uso dos métodos linguísticos, a Teoria da Literatura ficou durante certo tempo “reduzida a um setor da Linguística” (SOUZA, 2007, p. 53-55). Souza

prosegue em suas críticas às correntes formalistas, conforme podemos ver na colocação a seguir:

“As correntes formalistas da teoria da literatura desconsideravam algumas questões que, não se formalizando em nível de texto, nem por isso deixam de ter interesse. De maneira geral, podemos dizer que essas questões dizem respeito ao universo ficcional ou imaginário inerente às produções literárias. (SOUZA, 2007, p. 54).”

Segundo Castle, a tentativa de Saussure, que tanto influenciou os formalistas russos, era se afastar de antigas concepções linguísticas praticadas durante os séculos XVIII e XIX. Essas concepções se concentravam no estudo da Gramática e da Filologia, que, por sua vez, enfatizavam a lógica e o desenvolvimento histórico das línguas. Saussure, na contramão dessas ideias, preferia trabalhar com a chamada linguística comparativa, direcionada ao estudo da analogia e da homologia (CASTLE, 2007, p. 181).

Assim, inicialmente estabeleceu diferenças entre os conceitos de língua (*langue*), linguagem (*langage*) e discurso (*parole*). Também esteve bastante interessado na área do saber denominada de Semiologia, dedicada ao estudo das linguagens como elemento social e das relações entre os signos no plano linguístico. Logo, desenvolveu com certa complexidade os termos signo (*sign*), significante (*signifier*) e significado (*signified*) para tratar das relações entre os objetos, as palavras que usamos para designar esses objetos, os sons dessas palavras e a impressão que nos vem à mente quando pensamos nesses objetos. Criou ainda dicotomias entre os conceitos de sincronia e diacronia, e de sintagma e paradigma, culminando no que Silva (2011) e outros pesquisadores chamam de “dicotomias saussurianas”.

Voltemos à Teoria da Literatura: a partir de conceitos saussurianos, Jakobson desenvolveu a tese de que há dois níveis de significado sobre os quais a poesia se baseia: o metafórico, que opera sincronicamente, e o metonímico, que opera diacronicamente (CASTLE, 2007). Essas ideias de Jakobson foram amplamente utilizadas durante muitos anos, por diversos pesquisadores, para fazer análises linguísticas de poemas, o que demonstra que esses conceitos foram de grande

importância para os Estudos Literários.

Atualmente, diversos estudos mostram que os métodos linguísticos formalistas são insuficientes para a realização de análises mais elaboradas. Aliás, “tais análises tornam a teoria da literatura permeável a outros métodos de investigação, sobretudo os de base sociológica, antropológica, psicanalítica e histórica” (SOUZA, 2007, p. 55), o que nos parece bastante positivo.

3.2.1.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Semiologia;
- Semiótica.

3.2.1.4 Principais trabalhos

- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

3.2.2 Estruturalismo

3.2.2.1 Breve histórico

O estruturalismo é uma corrente de pensamento crítico que também tem suas raízes na linguística, especialmente nos trabalhos de Saussure (1973) e, posteriormente, de Jakobson. Ele surgiu no final da década de 1950 como uma espécie de resposta à Nova Crítica (*New Criticism*), uma corrente crítica de origem norte-americana que estudaremos em outro tópico. A Nova Crítica, segundo Eagleton, concentrava-se no texto literário de forma isolada e estimulava a sensibilidade, mas deixava de lado aspectos mais estruturais da literatura (2006, p. 137). Nesse sentido, Souza acrescenta:

“Suas origens se encontram na linguística, segundo o sistema conceitual proposto por Ferdinand de Saussure, e numa corrente da psicologia, de procedência alemã, conhecida pelo termo gestaltismo. Sua noção-chave é a de *estrutura*, entendida como rede de relações entre unidades mínimas móveis e distintas entre si, cujos valores funcionais se instauram justamente na medida em que se estabelece a própria rede. (SOUZA, 2007, p. 60).”

Na passagem anterior, para explicar essa corrente crítica, Souza fala das áreas que influenciaram a criação do pensamento estruturalista (a Linguística e o Gestaltismo) e também do conceito de estrutura, o que nos leva a imaginar um poema, por exemplo, formado por pequenas unidades interligadas estruturalmente (e que deve ser analisado sob essa ótica).

Os principais trabalhos de natureza estruturalista têm origem no Círculo Linguístico de Praga, grupo formado em 1926 a partir das reuniões dos formalistas russos do chamado Círculo Linguístico de Moscou (ativo durante o ano de 1915). Jakobson havia se mudado para a Checoslováquia e fundado esse grupo juntamente com outros críticos literários e linguistas para continuar suas pesquisas e discussões sobre a poética, desenvolvendo, assim, o que Castle (2007, p. 184) chama de estruturalismo funcional. Eagleton (2006, p. 141) nos lembra que a proposta do grupo de Praga “representou uma espécie de transição do formalismo para o estruturalismo moderno”.

De toda forma, um importante marco para o estruturalismo foi o lançamento de *Anatomy of Criticism* (em português, *Anatomia da Crítica*) em 1957, pelo crítico literário canadense Northrop Frye (1912-1991). Essa obra (2014) tratava da questão recorrente dos gêneros literários, mas também dos modos, mitos e arquétipos a partir dos quais as obras literárias se estruturavam. Essas categorias eram, na verdade, leis objetivas que regiam o funcionamento da literatura, mas que, para Frye, precisavam ser revistas (pois não eram objetivas), o que tornaria a crítica literária mais sistemática (EAGLETON, 2006, p. 138).

A teoria dos mitos foi o foco de outro importante trabalho publicado também em 1957 e intitulado *Mythologies* (no Brasil foi editado como *Mitologias*), dessa

vez elaborado pelo crítico literário francês Roland Barthes (1915-1980). Trata-se de uma análise que revela tanto os determinantes históricos dos mitos em importantes narrativas literárias, quanto os significados gerados por eles (CASTLE, 2007, p. 188). Essa e outras obras da chamada Linguística Estruturalista tiveram importante papel nos desenvolvimentos da Semiologia e da Semiótica.

Cabe informar que, alguns anos depois da formação do Círculo Linguístico de Praga, Jakobson mudou-se mais uma vez, agora para os Estados Unidos, onde conheceu o antropólogo belga Claude Lévi-Strauss (1908-2009), reconhecido estruturalista (considerado um dos maiores intelectuais do século XX). Dessa parceria, nasceu o que Eagleton chama de estruturalismo moderno (2006, p. 147), com destaque para o lançamento de *Anthropologie structurale* em 1958, publicado no Brasil como *Antropologia estrutural* (2017). Essa obra trouxe novamente a teoria dos mitos para a análise de narrativas literárias e influenciou fortemente os trabalhos de outro reconhecido estruturalista, o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981), autor de trabalhos que congregavam Psicanálise e estruturalismo.

3.2.2.2 Proposta da teoria/objetivos

Eagleton (2006, p.142) explica que o estruturalismo “ocupa-se das estruturas e, mais particularmente, do exame das leis gerais pelas quais essas estruturas funcionam”. Prossegue dando um bom exemplo de análise estruturalista de um poema:

“Podemos examinar um poema como uma estrutura e, ao mesmo tempo, tratarmos cada um de seus itens como mais ou menos significativos em si mesmos. (...) Mas só nos tornamos estruturalistas convictos quando pretendemos que o significado de cada imagem só existe em relação às outras imagens. (EAGLETON, 2006, p. 142).”

Eagleton também apresenta um exemplo de análise de texto narrativo (em prosa) segundo critérios estruturalistas: basta que o crítico esquematize a história, dividindo-a em “unidades de significação”. Precisaria ainda, “à semelhança

do formalismo, separar o conteúdo real da história e se concentrar totalmente na forma.” (EAGLETON, 2006, p. 143-144). Trata-se, portanto, de uma abordagem bastante inflexível e que guarda algumas semelhanças com os trabalhos dos formalistas russos, sendo que Castle a considera como uma “evolução” ou aperfeiçoamento desses trabalhos: “é possível discernir uma progressão dos estudos formalistas da linguagem aos estudos estruturalistas da sociedade e da cultura.” (2007, p. 181, tradução nossa).

Atenção

Segundo Bonnici (2009, p. 136-140), um movimento estruturalista de grande destaque foi o chamado *estruturalismo literário*, encabeçado por Vladimir Propp (1895-1970) e Julius Greimas (1917-1992), e posteriormente por Tzvetan Todorov (1939-2017). Esse movimento deu origem à chamada *narratologia*, que estudaremos em outro tópico.

3.2.2.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Gestaltismo;
- Formalismo;
- Semiologia;
- Semiótica;
- Antropologia;
- Psicanálise;
- Sintaxe;
- Semântica;
- Narratologia.

Você sabia?

A Semiótica, área de pesquisa citada neste texto, é outro campo teórico de aproximação com a Teoria da Literatura. É também conhecida como teoria dos signos, porque trata dos processos de significação ou semióses. Dessa forma, dedica-se tanto ao estudo de sistemas de signos linguísticos (como a literatura), como não linguísticos (pintura, imagens, etc.). Assim, as teorias semióticas também são relevantes para pesquisas acadêmicas envolvendo obras literárias.

3.2.2.4 Principais trabalhos

- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

3.2.3 Nova crítica (*new criticism*)

3.2.3.1 Breve histórico

A chamada nova crítica (*new criticism*) foi uma das primeiras correntes críticas a surgir em países anglófonos logo na década de 1930, conservando algumas características do formalismo e temperadas com “uma convicção de que o discurso poético, de alguma maneira, ‘incluía’ a realidade dentro de si mesmo.” (EAGLETON, 2006, p. 72). Foi amplamente praticada, especialmente por pesquisadores ingleses e americanos, entre os anos 1930 e 1950, embora a discussão já houvesse começado ainda nos anos 1920 com os trabalhos do poeta e crítico T. S. Eliot (1888-1965), considerado um dos precursores desse movimento. (FRANCO JÚNIOR, 2009).

3.2.3.2 Proposta da teoria/objetivos

Trata-se de uma corrente de pensamento crítico especialmente dedicada à poesia e ao entendimento de que ela “não adquire seu significado produzindo um tipo particular de resultado no leitor, mas simplesmente por existir como um objeto verbal.” (CASTLE, 2007, P. 126-127). Em qualquer análise crítica sobre determinada obra literária (geralmente um poema), essa convicção pretendia enfatizar a forma e, também, a autonomia do texto literário (CASTLE, 2007, p. 126-127), afastando considerações sobre o leitor e o autor. Eagleton também destaca esse aspecto ao ressaltar que, na Nova Crítica, as intenções do autor “não tinham relevância para a interpretação de seu texto”, tampouco as interpretações emocionais feitas pelo leitor. Na verdade, o significado do poema independia de tudo isso: estava “inscrito na própria linguagem do texto literário”, sendo público e objetivo (EAGLETON, 2006, p. 73).

A reflexão anterior nos leva ao conceito de leitura analítica (*close reading*), que ajudou a consolidar a Nova Crítica. Esse termo suscita que algo deveria ser feito para o entendimento coerente de um texto literário, o que Souza (2007, p. 60) define como uma “leitura minuciosa”, seguida de um desprezo aos fatores extratextuais. Esse conceito de leitura mais analítica provoca, de algum modo, as teorias críticas anteriores, uma vez que declara que as leituras feitas por esses críticos eram superficiais. Castle (2007, p. 124) destaca ainda a ironia, a ambiguidade e o paradoxo como conceitos bastante trabalhados em análises que utilizam a Nova Crítica como arcabouço teórico.

3.2.3.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Formalismo russo;
- Estruturalismo;
- Sociologia;
- Psicologia.

3.2.3.4 Principais trabalhos

- BROOKS, Cleanth. **The well-wrought urn**. Nova Iorque: Harcourt, Brace & World, 1947.
- ELIOT, T. S. **Ensaios escolhidos**. Trad. Maria Adelaide Ramos. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.
- RICHARDS, I. A. **Princípios de crítica literária**. Trad. Rosaura Eichenberg et al. São Paulo: Globo, 1976.

3.2.4 Fenomenologia e crítica fenomenológica

3.2.4.1 Breve histórico

Segundo Eagleton (2006), a fenomenologia tem início a partir dos estudos do filósofo e matemático alemão Edmund Husserl (1859-1938) em um contexto de grave crise ideológica que se estendia por grande parte da Europa, iniciado ainda no final do século XIX e atingindo seu ápice no início do século XX (durante a Primeira Guerra Mundial, na década de 1910). Essa crise se caracterizava, por exemplo, pela produção de obras de arte sem um referencial. Também se percebia certo enfraquecimento do fazer científico, limitando-se à mera descrição dos fatos, além do relativismo, do irracionalismo e de uma inspiração filosófica ora positivista e ora (excessivamente) subjetivista (EAGLETON, 2006, p. 83-84). Assim, como filósofo, Husserl criou um método filosófico baseado nas palavras-chave consciência e essência (CASTLE, 2007, p. 79). Nesse sentido, Eagleton esclarece que, na fenomenologia, “todas as realidades devem ser tratadas como puros ‘fenômenos’, em termos de como eles se apresentam em nossa mente, sendo este o único dado absoluto do qual podemos partir.” (EAGLETON, 2006, p. 85-86). Logo, trata-se da ciência fundada por Husserl acerca “dos fenômenos puros” ou da “consciência humana”. (EAGLETON, 2006, p. 85-86). O trabalho de Husserl compõe a corrente da chamada fenomenologia transcendental, baseada no conceito de vida transcendental (GOTO; HOLANDA; COSTA, 2018). A chamada vida transcendental, por sua vez, tem como prerrogativa o sujeito transcendental: aquele que é fonte e origem de todo o significado e, ao mesmo tempo, dono de

seu destino (EAGLETON, 2006, p. 89).

3.2.4.2 Proposta da teoria/objetivos

É importante enfatizar que algumas correntes fenomenológicas nasceram a partir da fenomenologia de Husserl (2012), como a corrente fenomenológica ontológico-hermenêutica, baseada no trabalho do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), um discípulo de Husserl, mas que não se alinhou às suas ideias. Em oposição ao essencialismo de Husserl, Heidegger elaborou um método existencialista que dá ênfase principalmente ao entendimento dos fenômenos, que ele chama de *dasein*: uma reflexão sobre a própria existência humana, segundo explica Eagleton (2006, p. 94). Para o filósofo existencialista “o entendimento é radicalmente histórico” e está sempre relacionado com as situações concretas em que nos encontramos e que tentamos transcender. Já a linguagem “é a própria dimensão na qual se move a vida humana, aquilo que, por excelência, faz o mundo ser. Só há ‘mundo’ onde há linguagem, no sentido especificamente humano.” (EAGLETON, 2008, p. 96).

Contudo, Compagnon (1999, p. 63) nos lembra que nem Husserl tampouco Heidegger tratam diretamente de textos literários em suas principais publicações. Dessa forma, Eagleton (2006, p. 90) enfatiza que o trabalho da chamada “crítica literária fenomenológica” é uma tentativa de aplicar esses métodos às discussões que envolvem obras literárias. Souza também faz uma reflexão interessante sobre esse tema e diz que, segundo a crítica literária fenomenológica, discutir teoricamente uma obra literária é algo tão natural quanto a própria existência dessa obra. Ele prossegue lembrando que essa corrente pretende “liberar a análise da literatura de seu compromisso cientificista”, sendo que a ciência é tratada como calculista e controladora da realidade porque tolhe a “manifestação do Ser” e é “incapaz de acolher a profundidade da existência.” (SOUZA, 2007, p. 62).

Por fim, Souza destaca alguns trabalhos em que a literatura foi o principal objeto de análise. Uma delas é a chamada “teoria fenomenológica dos estratos”, elaborada pelo filósofo e crítico literário polonês Roman Ingarden (1893-1970). Segundo essa teoria, toda obra literária (em sua essência) é dividida em estratos

de natureza diversa (formas fônico-linguísticas, unidades de significação, etc.). Temos ainda a corrente fenomenológica da escola de Zurique, encabeçada pelas pesquisas do suíço Emil Staiger (1908-1987), que faz uma reflexão acerca dos gêneros literários mais reconhecidos tradicionalmente (o lírico, o épico e o dramático) à luz dos trabalhos de Husserl e Heidegger. (SOUZA, 2007, p. 62).

3.2.4.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Hermenêutica;
- Formalismo russo;
- Estruturalismo;
- Filosofia.

3.2.4.4 Principais trabalhos

- HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. São Paulo: Vozes, 2015.
- INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. Trad. Albin Beau et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

3.2.5 Teoria narrativa/narratologia

3.2.5.1 Breve histórico

A teoria narrativa ou narratologia pode ser compreendida como uma abordagem voltada ao estudo da estrutura narrativa presente em obras literárias (especialmente nos textos em prosa). É baseada nas “análises de narrativas míticas”, derivadas da antropologia estruturalista, que encontra em Lévi-Strauss seu mais reconhecido pesquisador (SOUZA, 2007, p. 60). Teve início ainda na década de

1920, com os trabalhos dos formalistas russos Roman Jakobson, Yuri Tynianov (1894-1943) e Viktor Shklovsky (1893-1984), que, por sua vez, foram fortemente influenciados por conceitos saussureanos. Nesse sentido, Propp, Greimas e Todorov criaram importantes conceitos e modelos de análise de obras literárias (inclusive em prosa) a partir de estudos da Linguística e da Antropologia estruturalistas, certamente influenciados pelo trabalho de Lévi-Strauss.

3.2.5.2 Proposta da teoria/objetivos

Segundo Compagnon, o objetivo principal da narratologia é investigar

“as propriedades estruturais do discurso literário, da sintaxe de suas estruturas narrativas, em detrimento de tudo o que nos textos concerne à semântica, à mimesis, à representação do real, e, sobretudo à descrição. (COMPAGNON, 1999, p. 101).”

Dessa forma, conceitos importantes relacionados ao narrador e ao narrado (o texto) foram elaborados por diversos pesquisadores ao longo do século XX, como o de polifonia, pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), que trata da estratificação de discursos em uma narrativa romântica.

Propp também formalizou seu estudo estabelecendo várias funções narrativas para os contos, como: a saída de casa, o enfrentamento do perigo nas mãos de um vilão, a constatação de uma carência, o combate entre herói e vilão, o casamento do herói etc. Essas funções são estáveis e independem do personagem que vai realizá-las. (CASTLE, 2007, p. 116).

Em seguida, temos Greimas com o conceito de **actante**, uma unidade estrutural das narrativas. Segundo ele, seis actantes compõem o conto: sujeito e objeto, emissor e receptor, ajudante e adversário. Essas unidades resumem as esferas de ação de Propp.

Temos ainda trabalhos mais recentes realizados por Todorov, pela professora holandesa Mieke Bal (1946-), pelo crítico literário francês Gérard Genette (1930-2018) e por Roland Barthes. Nesse sentido, Castle resume e compara o teor dessas pesquisas na colocação a seguir:

“Propp e Greimas, com sua ênfase no significado das funções e personagem, estão ambos interessados no que é narrado, o próprio nível da história. Na obra de Tzvetan Todorov, Mieke Bal, Gérard Genette e Roland Barthes, o nível do discurso narrativo é proeminente, com o resultado de que personagem e evento estão subordinados aos processos e problemas da narração. (CASTLE, 2007, p. 117, tradução nossa).”

Também é importante destacar que a narratologia começava a ganhar força nos Estados Unidos a partir dos trabalhos do pesquisador americano Gerald Prince (1942-), quando foi abafada pela discussão em torno da teoria do romance moderna. Essa teoria destacou-se na década de 1920 a partir das publicações do crítico literário húngaro Georg Lukács (1885-1971), precursor da crítica marxista.

Ainda assim, vale citar a relevância dos trabalhos desenvolvidos por Wayne Booth (1921-2005) e Dorrit Cohn (1924-2012). Booth estava interessado nos conceitos de “ironia narrativa” e “distância narrativa”, porque representavam lacunas entre o narrador e o narrado e entre o autor e o narrador. Já Cohn desenvolveu a ideia de “discurso indireto livre”, um modo de narração em terceira pessoa em que a fala e o pensamento são representados em termos muito próximos aos usos sintáticos e idiomáticos do próprio personagem. (CASTLE, 2007, p. 119).

3.2.5.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Estruturalismo;
- Formalismo russo;
- Semântica.

3.2.5.4 Principais trabalhos

- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Matina. Lisboa: Veja, 1982.
- GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**: pesquisa de método. Trad. Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

3.2.6 Teoria marxista

3.2.6.1 Breve histórico

A teoria ou crítica marxista faz referência aos trabalhos pioneiros realizados pelo filósofo e sociólogo alemão Karl Marx (1818-1883), vinculando literatura e ideologia, o que também deu origem às correntes sociológicas (COMPAGNON, 1999, p. 36). Nesse sentido, Souza aponta que Marx fez importantes análises econômicas, sociais, políticas e ideológicas que inspiraram outros escritos, todos alinhados com a ideia de uma literatura que era a reprodução de uma determinada ideologia, formada a partir de uma realidade social. Logo, os trabalhos das correntes sociológicas de base marxista revelam diversos preceitos, que vão desde a apologia simplista de uma literatura engajada com os interesses políticos do proletariado, até análises metodologicamente bastante elaboradas e que pretendem estudar as relações entre a ideologia e o processo de produção e recepção de uma obra literária (SOUZA, 2007, p. 62).

3.2.6.2 Proposta da teoria/objetivos

Wellek e Warren resumem muito bem o posicionamento da crítica marxista através da colocação a seguir:

“Os críticos marxistas não apenas estudam as relações entre literatura e sociedade, mas têm também a sua concepção claramente definida de como essas relações deviam ser, tanto na presente sociedade como em uma futura sociedade “sem classes”. Eles praticam a crítica valorativa, “judicial”, baseada em critérios políticos e éticos, não literários. Eles nos dizem não apenas o que eram e o que são as relações e implicações sociais da obra de um autor, mas o que deviam ter sido ou devem ser. (WELLEK; WARREN, 2003, p. 114).”

Nesse sentido, destacamos o trabalho de Georg Lukács, principalmente na obra **Teoria do Romance**, de 1920, na qual procura diferenciar o gênero épico (clássico) e o romance (moderno), afirmando que cada um corresponde à mentalidade da respectiva sociedade que o gerou. Também compara o herói épico e o herói do romance moderno, concluindo que este último é isolado e vive apartado do mundo. De toda forma, percebemos que, influenciado pelo marxismo, Lukács repete a convenção de que a literatura reflete a realidade social em sua essência, inclusive na maneira como as narrativas se desenrolam e na “articulação dos mecanismos que regem um texto” (SILVA, 2009, p. 179).

3.2.6.3 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Filosofia;
- Sociologia.

3.2.6.4 Principais trabalhos

- LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. 3. reimp. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2007.

Glossário

Antropologia estruturalista: área de estudos que congrega a antropologia (ciência que se ocupa em estudar o homem e a humanidade) e a corrente crítica do estruturalismo. O antropólogo Lévi-Strauss foi um de seus principais representantes.

Revisando

Neste capítulo conhecemos algumas das primeiras teorias da literatura, bem como suas características, pretensões e principais trabalhos. Entendemos também como o estruturalismo influenciou diversas teorias ao longo do século XX e conhecemos algumas críticas a essa teoria. Finalmente, refletimos sobre a questão do marxismo como uma corrente crítica que nasceu das preocupações sociológicas de seus pesquisadores.

Saiba mais

Livro: SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

Obra de referência e leitura essencial para estudantes de Letras de qualquer parte do ocidente. Trata-se do mais importante acerca dos sistemas linguísticos e também da noção de Semiologia.

Livro: SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. Introdução à Semiótica. São Paulo: Paulus, 2017.

Trata-se de uma leitura que convida o pesquisador a uma aproximação com as principais teorias semióticas e ao estudo das semioses, apresentando diversos conceitos, dentre eles a teoria dos signos de Charles Sanders Peirce (1839-1914).

Tese de doutorado: PUGLIA, Daniel. **Charles Dickens**: um escritor no centro do capitalismo. Orientadora: Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. 2006. 186 p. Tese de doutorado – Doutorado em Letras pelo Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-06112007-103719/publico/TESE_DANIEL_PUGLIA.pdf.

Acesso em: 14 nov. 2021.

A tese do professor Daniel Puglia (USP) traz uma excelente representação de como as teorias marxistas, citadas neste texto, podem ser utilizadas para embasar uma discussão em torno de uma obra literária.

Referências

BONNICI, Thomas. Teorias estruturalistas e pós-estruturalistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 131-157.

CASTLE, Gregory. **The Blackwell guide to literary theory**. Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Formalismo russo e new criticism. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: EDUEM, 2009. p. 115-130.

GOTO, Tommy Akira; HOLANDA, Adriano Furtado; COSTA, Ileno Izídio da. **Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl**. Rev. NUFEN, Belém, v. 10, n. 3, p. 38-54, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v10n3/a04.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SILVA, Fernando Moreno da. **As dicotomias saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos**. REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas, v. 3, n. 2, out. 2011, p. 38-55. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/2878>. Acesso em: 22 out. 2020.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 179.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Ática, 2007.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

4

Principais correntes teórico-críticas da Literatura (Parte II)

Teoria da Literatura I

Yuri Jivago Amorim Caribé

Objetivos de aprendizagem

- 1 Conhecer os pressupostos do pós-estruturalismo como um campo de abordagens teóricas que inspirou algumas das correntes críticas mais importantes da contemporaneidade;
- 2 Compreender a ligação dos estudos culturais com os estudos étnicos e pós-colonialistas;
- 3 Ampliar para além das correntes críticas a visão sobre a busca do arcabouço teórico em pesquisas

Introdução

Neste capítulo faremos um passeio nas primeiras teorias da literatura, enfatizando alguns pontos que nos parecem mais relevantes e citando algumas obras que se destacaram e seus respectivos autores. Não é nossa pretensão citar todos os autores de cada teoria e esgotar o tema, mas apenas fornecer subsídios para o começo de uma pesquisa em que essa teoria se encaixe e seja útil. A propósito, também não faremos distinção entre o que é considerado uma teoria para alguns e uma abordagem crítica ou uma corrente para outros. Para além desses enquadramentos, nosso papel é apresentar de forma panorâmica alguns trabalhos acadêmicos relevantes e reconhecidos para a realização de futuras pesquisas por parte de nossos alunos, estudantes de Letras. Ao final de cada explanação, indicaremos leituras que envolvem esse grupo de teorias, sempre enfatizando que esse recorte também não esgotará o tema.

4.1 Algumas das teorias críticas mais pesquisadas na contemporaneidade

4.1.1 O pós-estruturalismo

4.1.1.1 Breve histórico

O pós-estruturalismo é, na verdade, um conjunto de abordagens mais abrangentes que adotam a perspectiva anti-humanista do estruturalismo, e que foram criadas entre o final dos anos de 1960 e início dos anos 1970. Esse conjunto inclui a crítica feminista, a psicanalítica, algumas correntes marxistas, os historicismos e o desconstrutivismo. Os principais trabalhos sobre o pós-estruturalismo defendem a ideia de que a interpretação dos textos literários é algo instável, ligado ao “fluxo de significações” que acontece durante a leitura. Assim, segundo esse conjunto de abordagens, “todo significado é relativo” (BONNICI, 2009b, p. 146-151).

4.1.1.2 Proposta da teoria/objetivos

É importante ressaltar que, para os pós-estruturalistas, “o relacionamento entre o texto e seu significado é apenas aproximado, resvalado e ambíguo” (BONNICI, 2009, p. 146), exatamente porque o signo linguístico é arbitrário, ou seja, sua significação é apenas uma convenção. Trata-se, portanto, de um movimento que inclui, por exemplo, a tese da “incontrolabilidade do sentido”. Mais ainda: os pós-estruturalistas desconstróem a noção de sujeito, exatamente porque a interpretação dos textos literários depende do leitor (o que anuncia a tese de “morte do autor”, bastante presente em trabalhos mundialmente reconhecidos). Assim, todos os textos literários criam uma infinidade de sentidos. Isso ocorre porque os trabalhos pós-estruturalistas questionam a ideia de “estruturas” (sociológicas, psicológicas e linguísticas) presente nos textos sabidamente estruturalistas. Podemos dizer que essas estruturas ou unidades formam os seres e, ao mesmo tempo, os textos literários. Porém, como já dissemos, sua organização é instável e relativa. O pós-estruturalismo, por fim, prolonga esse debate sobre estruturas/unidades incluindo novas variáveis (BONNICI, 2009b, p. 146-151).

4.1.1.3 Principais trabalhos

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- KRISTEVA, Julia. **La révolution du langage poétique: L'avant-garde à la fin du XIX siècle**. Lautréamont et Mallarmé. Paris: Seuil, 1974.

4.1.1.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Estruturalismo;
- Semiótica;
- Psicanálise.

Atenção

A Psicanálise, um campo do saber relacionado à psique humana e também um tipo de psicoterapia, foi fundado através dos estudos desenvolvidos por Sigmund Freud (1856-1939) no início do século XX e tem forte relação com a literatura, levando à formulação das chamadas teorias psicanalíticas, que estudaremos adiante.

4.1.2 O desconstrutivismo

4.1.2.1 Breve histórico

Dentre as abordagens pós-estruturalistas, destaca-se o desconstrutivismo, corrente de pensamento baseada na ideia de “desconstrução” (em francês *déconstruction*), divulgada inicialmente por meio dos trabalhos do filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004), e em seguida por diversos pesquisadores da contemporaneidade. O trabalho de Derrida que apresenta essa discussão chama-se Gramatologia e foi publicado em 1967, por isso vamos considerar que essa é a data de lançamento dessa teoria.

4.1.2.2 Proposta da teoria/objetivos

Como o próprio termo evoca, essa teoria pretende “desconstruir” ideias pré-estabelecidas, principalmente em trabalhos estruturalistas, dando nova interpretação ou novo significado a elas, mas, acima de tudo, questionando-as. Segundo Culler (1999, p. 122), o desconstrutivismo faz uma “crítica às oposições hierárquicas que estruturam o pensamento ocidental” (dentro/fora, corpo/mente, literal/metafórico, dentre outras) e isso pode ser aplicado à análise de textos literários e/ou ao próprio papel da Teoria da Literatura enquanto área do saber. Nesse sentido, podemos dizer que a ideia de desconstrução critica noções de intencionalidade (autoral ou textual) e valoriza o impasse causado pelos diferentes discursos presentes em uma obra literária, associando a literatura mais às ideias de desassossego e inquietação. (SISCAR, 2009, p. 201-210).

4.1.2.3 Principais trabalhos

- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

4.1.2.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Filosofia.

4.1.3 O novo historicismo (*new historicism*) ou materialismo cultural

4.1.3.1 Breve histórico

O novo historicismo (*new historicism*) surgiu nas décadas de 1980 e 1990 a partir dos trabalhos de pesquisadores britânicos, como Raymond Williams (1921-1988), e também de norte-americanos como Stephen Greenblatt (1943-). Fortemente influenciados pelas teorias do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), esses trabalhos pretendiam criticar o historicismo, um movimento amplamente difundido no século XIX que colocava a história como “instância decisiva para a explicação tanto da natureza, quanto da sociedade” (SOUZA, 2007, p. 35) e relegava a cultura a uma posição secundária.

4.1.3.2 Proposta da teoria/objetivos

Os postulados do novo historicismo questionavam principalmente a chamada “constituição histórica do sujeito” e também “o papel contestatório da literatura” no Renascimento (CULLER, 1999, p. 125). Então, podemos dizer que os trabalhos historiográficos são repletos de intervenções do narrador e, portanto, assemelham-se a um texto literário ou a uma “espécie de retórica ou ficção” (EAGLETON, 2006, p. 344). O texto literário propriamente dito também reflete ideologias características do período em que foi publicado e de seu autor. Assim, a literatura e a cultura são vistas como práticas sociais, sendo a cultura bastante valorizada.

4.1.3.3 Principais trabalhos

- GOLDBERG, Jonathan. **James I and the politics of literature**. Stanford, USA: Stanford University Press, 1989.
- GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. Trad. Francisco de Castro Azevedo. Rev. Dora Rocha. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- VEESER, H. Aram. (edit.). **The new historicism**. London: Routledge, 2013.

4.1.3.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Sociologia.

4.1.4 A estética da recepção e a *reader-response theory* (teoria do efeito de leitura)

4.1.4.1 Breve histórico

Na esteira da corrente fenomenológica do escritor francês Marcel Proust (1871-1922), e também de trabalhos do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002), surgiu uma teoria bastante discutida e ainda citada em trabalhos acadêmicos contemporâneos: a estética da recepção. Voltada aos aspectos de recepção das obras literárias (principalmente o leitor e a leitura dessas obras), essa teoria começou a ser discutida ainda nos anos 1930 com a publicação da pesquisa de Roman Ingarden, tendo destaque nos anos de 1960 e 1970 com os estudos de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser.

4.1.4.2 Proposta da teoria/objetivos

Segundo Compagnon (1999, p. 145-146), a estética da recepção e a *reader-response theory* (teoria do efeito de leitura) são responsáveis por uma revalorização da leitura (tanto da primeira, como das posteriores) como um fenômeno a ser investigado no âmbito dos estudos literários. Marcam, portanto, o retorno do leitor ao centro dos estudos literários: “a análise da recepção visa ao efeito produzido no leitor e sua resposta” ao texto literário (COMPAGNON, 1999, p. 148). Assim, essas pesquisas discutem diversos conceitos a serem aplicados em uma possível análise de uma obra literária, tais como os tipos de leitor e de leitura, sabendo que o leitor impõe suas normas e valores ao texto literário, mas que o texto poderá modificar essas normas e valores durante ou após a leitura. Portanto, o sentido e a interpretação do texto são variáveis e dependem do leitor e da leitura. Trata-se ainda de uma crítica aos modelos tradicionais de historiografia literária: agora se enfatiza o leitor e a leitura, colocando em discussão o *status* das obras ao longo dos séculos literárias (ora apagadas, ora canonizadas) e tornando isso um ponto de discussão e interesse acadêmico. (ZAPPONE, 2009).

4.1.4.3 Principais trabalhos

- INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. Trad. Albin Beau *et al.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kretschmer. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kretschmer. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

4.3.4.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Sociologia.

4.1.5 Os estudos culturais (*cultural studies*)

4.1.5.1 Breve histórico

Os estudos culturais (*cultural studies*) configuram não uma teoria, mas um campo de abordagem crítica voltado ao estudo das culturas no mundo contemporâneo e, neste caso, aplicado ao estudo de obras literárias. Segundo Cevasco (2009), os estudos culturais surgiram ainda nos anos de 1950, através de trabalhos como os do pesquisador britânico Richard Hoggart (1918-2014), alcançando seu apogeu nos anos 1990 com a pesquisa de Graeme Turner (1947-), dentre outros trabalhos importantes.

4.1.5.2 Proposta da teoria/objetivos

Culler (1999) mostra que a problemática principal dos estudos culturais é abraçar temas e objetos de estudo de culturas que antes eram inferiorizadas. Assim, as pesquisas dessa área incluem termos como: “cultura popular”, “cultura de massas”, “indústria da cultura”, “cânone cultural ocidental”, “minorias”, dentre outros. Pesquisas relacionadas aos estudos culturais procuram mostrar o poder de influência das agendas e políticas culturais sobre os povos e, conseqüentemente, sobre o consumo e sobre a produção artística/cultural (por exemplo: a influência do capitalismo sobre a cultura). Procuram também discutir a sobrevivência de determinadas culturas através do conceito de identidade cultural, demonstrando que algumas culturas são oprimidas, enquanto outras são opressoras. Mais ainda: cita a literatura como um produto ou “uma prática cultural” de um determinado país e finaliza dizendo que é importante relacionar obras literárias a outros discursos (CULLER, 1999, p. 48-53). Trata-se, portanto, de

uma abordagem inclusiva, visto que pretende estender o campo de atuação dos pesquisadores nos estudos literários para além de seus interesses tradicionais, incluindo questões do mundo contemporâneo que não podem ser mais ignoradas e que estão presentes em várias obras literárias, tais como “o consumismo, os meios de comunicação de massa, a política estetizada, a diferença sexual.” (EAGLETON, 2006, p. 355).

4.1.5.3 Principais trabalhos

- HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Trad. Maria do Carmo Cary. 2 v. Lisboa: Presença, 1973.
- TURNER, Graeme. **British cultural studies**: an introduction. London: Routledge, 1990.

Assista

Sugerimos um vídeo com apresentações de trabalhos do simpósio “Literatura e Cultura: objetos culturais em análise”, realizado em 16/09/2021 durante o Congresso Internacional da ABRALIC. Título: ST41 S4 LITERATURA E CULTURA: OBJETOS CULTURAIS EM ANÁLISE Link: <https://www.youtube.com/watch?v=EVwluNkUXMo>

4.1.5.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística.

4.1.6 Os estudos étnicos e as teorias pós-colonialistas

4.1.6.1 Breve histórico

As teorias pós-colonialistas surgiram em um momento em que o debate levantado pelos estudos culturais sobre as minorias estava ganhando corpo e atenção. Trata-se, então, de um movimento originado a partir do multiculturalismo e da descolonização, uma vez que essas teorias problematizam a questão da dominação política imposta por países europeus colonizadores a suas colônias e ex-colônias, com foco na vida das pessoas que viviam/vivem nessas ex-colônias (CULLER, 1999), nesse caso (literatura) convertidas em personagens de romances de ficção. Temos, assim, relações de dominadores (culturas dominantes) e dominados (culturas dominadas) que, por sua vez, evidenciam questões de poder político global (EAGLETON, 2006, p. 358), provocando sentimentos de inferioridade, alienação e conflitos, todos retratados em obras literárias das mais diversas formas. Sabe-se também que as teorias pós-colonialistas ganharam mais notoriedade no final dos anos 1970, especialmente a partir da importante publicação intitulada **Orientalismo**, do crítico literário palestino Edward Said (1935-2003). Esta obra trata da dominação por parte da cultura ocidental, que passou a ser supervalorizada, em detrimento da oriental. Temos, de um lado, as práticas discursivas ocidentais dominantes (inclusive no campo linguístico) e, do outro, as sociedades colonizadas, que lutam pela formação de sua identidade cultural. Na visão de Bonnici (2009a, p. 259), Said procura desconstruir nessa obra a imagem equivocada que os ocidentais têm do Oriente, e que é replicada há décadas por escritores e historiadores, dentre outros. Ele destaca ainda como ocorreu essa “construção do Oriente” em obras literárias relacionadas à história e à cultura dos povos orientais.

4.1.6.2 Proposta da teoria/objetivos

Segundo Eagleton (2006, p. 360), podemos considerar o pós-colonialismo como “exemplo” de um culturalismo exuberante, o que remete às questões da convivência de povos diversos em uma mesma sociedade ou espaço geopolítico

e de suas diferenças. Com foco nos estudos literários, podemos afirmar que essas teorias problematizam as “culturas conflitantes” (CULLER, 1999) em obras literárias diversas, focando em personagens que são oprimidos e que sofrem pela obrigação de ser ver como o outro. Mais ainda: esses personagens se sentem perdidos, com problemas de reconhecimento e pertencimento, uma vez que não se sentem confortáveis em lugar algum. (SCHILB; CLIFFORD, 2017).

Os chamados estudos étnicos seguem o mesmo caminho: dedicam-se ao estudo das literaturas que, por vezes, denunciam problemas de opressão causados por algumas tradições culturais. Assim, focam no chamado discurso das minorias (como os povos indígenas), bem como nas questões raciais, dentre outras situações. Essas obras confrontam o discurso das majorias, mostrando como é possível fortalecer a identidade cultural de grupos específicos, como se vê na escrita negra, latina, asiático-americana e nativo-americana. (CULLER, 1999).

4.1.6.3 Principais trabalhos

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

4.1.6.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística.

4.1.7 Os estudos de gênero e a crítica literária feminista

4.1.7.1 Breve histórico

Segundo a pesquisadora brasileira Lúcia Zolin (2009), a crítica literária feminista tem origem no pensamento feminista e nos vários movimentos feministas, principalmente, os da segunda metade do século XIX. Mas foi a partir de 1970 (século XX), quando a ativista feminista norte-americana Kate Millett (1934-2017) defendeu sua tese de doutorado intitulada **Política Sexual** (*Sexual Politics*) na Columbia University que o movimento ganhou fôlego. Esse trabalho marca o início do importante e novo papel a ser desempenhado pela crítica literária tradicional: o de “questionadora da prática acadêmica patriarcal” (ZOLIN, 2009, p. 181) e sexista que imperava até então. A partir do trabalho de Millet, outras críticas feministas (principalmente da França e dos Estados Unidos) passaram a realizar debates em torno do espaço destinado à mulher na sociedade (e das consequências disso para sua vida), com foco na questão da literatura. Assim, interessam à crítica literária feminista os trabalhos que aliam feminismo e literatura.

4.1.7.2 Proposta da teoria/objetivos

A crítica literária feminista (advinda das teorias feministas) se configura como uma versão do pós-estruturalismo focada na questão do feminismo. Pode-se dizer ainda que é mais que uma teoria, haja vista que pretende causar mudanças concretas no cenário social da contemporaneidade, nesse caso por meio dos trabalhos e debates acadêmicos envolvendo obras literárias diversas. Trata-se então de “um movimento social e intelectual e um espaço de debate” (CULLER, 1999, p. 122). É bastante praticada por críticos literários da contemporaneidade, especialmente nos Estados Unidos, a partir do trabalho da Elaine Showalter (1941-) sobre mulher e literatura, mas também na França, com destaque para as publicações de Hélène Cixous (1937-) e Julia Kristeva (1941-), sendo esta última búlgaro-francesa. Cixous e Kristeva procuraram identificar uma possível “linguagem feminina” em seus estudos envolvendo os campos da Linguística, da Semiótica e da Psicanálise.

Esse debate também tem avançado no Brasil, especialmente após o início dos trabalhos do GT Mulher e Literatura na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) em 1984. A partir daí, vários pesquisadores em diferentes universidades brasileiras se dedicam às principais questões e temas de interesse da crítica literária feminista e dos estudos de gênero, quais sejam: presença e ausência da mulher no universo literário (alteridade da literatura de autoria feminina e, portanto, do discurso feminino), estereótipo feminino negativo, relações entre sexo e poder, diferenças sexuais e culturais (construções de gênero), logocentrismo, falocentrismo, opressão feminina a partir do patriarcado, mulher-sujeito e mulher-objeto, construção da identidade, dentre outros.

Em termos de pesquisa acadêmica, Colin (2009) resume didaticamente o que pode ser feito para trabalhar com a crítica literária feminista e/ou com os estudos de gênero na análise de objetos de estudo literários. Ela diz que seria interessante, por exemplo, organizar e visibilizar a produção de literatura de autoria feminina desconhecida (revisão do cânone), realizar a análise de uma obra literária com base no discurso feminista e nos conceitos de identidade e diferença, bem como investigar representações de gênero na literatura tradicional e/ou em outras linguagens através da perspectiva feminista. Podemos concluir anunciando algumas pretensões da crítica literária feminista e dos estudos de gênero segundo Colin (2009):

- Despertar o senso crítico das pessoas, evidenciando as posturas críticas de alguns escritores (que poderão repercutir em uma mudança da mentalidade);
- Denunciar e desconstruir o caráter discriminatório das ideologias de gênero presentes na chamada tradição literária masculina.

4.1.7.3 Principais trabalhos

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

2018.

- CIXOUS, Hélène. **La risa de la Medusa**: ensayos sobre la escritura. Trad. Ana María Moix. Barcelona: Anthropos, 1995.
- KRISTEVA, Julia. **La révolution du langage poétique**. Paris: Seuil, 1974.
- SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own**. New Jersey, USA: Princeton University Press, 1985.

4.1.7.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Semiótica;
- Psicanálise.

Refleta

Convidamos o(a) leitor(a) a refletir sobre o papel atribuído a personagens mulheres em obras literárias que já tenha lido. É interessante perceber que algumas obras trazem situações infelizmente realistas que reverberam práticas cotidianas de misoginia e de comportamentos machistas, ou ainda relações de submissão.

4.1.8 Sexualidade e teoria queer (*gay and lesbian studies*)

4.1.8.1 Breve histórico

O debate acadêmico sobre temas ligados à sexualidade (do homem e da mulher) tem origem nos estudos de gênero, campo de estudos que trouxe à tona discussões sobre identidade e desejo sexual, partindo inicialmente do ponto de vista da mulher. Segundo Castle (2007), esse debate ganhou fôlego a partir dos anos 1980, após o lançamento do importante trabalho de Michel Foucault, **História da Sexualidade**, que trata da formação do gênero e da sexualidade humana como uma construção social. Já nos anos 1990, a pesquisa de Butler fez

avançar os conhecimentos da área, sendo ela uma das pioneiras a debater questões de gênero e identidade sexual. Culler (1999) explica que Butler trabalha com a chamada “teoria performativa do gênero e da sexualidade”, que trata da formação da identidade de gênero e da identificação do desejo sexual por homens, mulheres ou por ambos a partir de atos repetidos e/ou por convenções sociais (normas de gênero). Lembra ainda que, a força performativa da linguagem (algo facilmente identificável na literatura) também é resultado de atos anteriores. Já Pilcher e Whelehan (2004) ressaltam que a pesquisa sobre sexualidade cresceu a partir dos anos 1960, quando tivemos a chamada revolução sexual, momento em que as mulheres passaram a reivindicar seu direito ao desejo e ao prazer sexual, repudiando, ao mesmo tempo, a objetificação do corpo feminino. Dessa forma, estudos acadêmicos sobre a sexualidade passaram a analisar o sexo heterossexual (e a influência das relações patriarcais de poder sobre ele), fomentando debates sobre heterossexualidade, homossexualidade e desejo.

Por fim, diante do interesse em torno do homoerotismo (impulsionado pelos estudos de gênero), tivemos o lançamento de importantes obras nos anos 1990 que, definitivamente, inauguram a chamada teoria *queer*, inicialmente conhecida como *gay and lesbian studies*. Os trabalhos pioneiros dessa teoria são dos pesquisadores norte-americanos Eve Sedgwick (1950-2009) e Jonathan Dollimore (1948-) e tratam dos problemas envolvendo a homossexualidade masculina, como explica Castle (2007). O próprio termo *queer* está vinculado a movimentos políticos de liberação social e sexual, além da proposta de mudança de paradigma, visto que adota uma postura política e teórica provocativa de indefinição das fronteiras entre o sexo heterossexual e o sexo homossexual. Isso ocorre porque esse termo antes era usado pejorativamente, o que reforça a ideia de força performativa da linguagem. Assim, um projeto político procurou transformar um insulto em um campo do conhecimento, colocando em primeiro plano a identidade sexual e o desejo dos homens. (PILCHER; WHELEHAN, 2004).

4.1.8.2 Proposta da teoria/objetivos

Segundo Santos e Wielewicki (2009), o debate em torno da teoria *queer*, com foco nos estudos literários, vem acompanhando o crescimento da chamada literatura homoerótica desde os anos 1980. Trata-se de uma literatura que reverbera identidades e discursos homoeróticos e que é criada no mundo todo. Essa literatura caracteriza-se pela melancolia e/ou também pela alegria de seus personagens, bem como por situações de homofobia, conflitos com o desejo homoerótico (negação, repressão e experimentação desse desejo), estigmas, o temor à AIDS, além da solidão e da busca pelas relações.

Assim, o ponto principal a ser trabalhado no caso de uma pesquisa que envolve um objeto de estudo da literatura homoerótica (e que busca embasamento na teoria *queer*) é trazer essa discussão (antes marginalizada) para o âmbito acadêmico. Então, trata-se de uma prática inclusiva: o debate sobre obras não canônicas que não renegam as relações homoeróticas e mostram os privilégios da heterossexualidade. A proposta é exatamente mostrar essas diferenças através de conceitos apropriados (CULLER, 1999).

4.1.8.3 Principais trabalhos

- ARMSTRONG, Nancy. **Desire and domestic fiction**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1987.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- DOLLIMORE, Jonathan. **Sexual dissidence: Augustine to Wilde, Freud to Foucault**. New York: Oxford University Press, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. v. 1. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men**: english literature and male homo-social desire. New York: Columbia University Press, 1985.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

4.1.8.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Psicanálise.

4.1.9 As correntes psicanalíticas e a crítica literária psicanalítica

4.1.9.1 Breve histórico

As correntes psicanalíticas surgiram logo no início do século XX, a partir dos trabalhos publicados pelo psiquiatra austríaco Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise, e de seus discípulos e/ou críticos. A psicanálise, uma metodologia clínica e terapêutica que trabalha basicamente com o diálogo entre o psicanalista e o paciente (portanto, trabalha com a linguagem), tem forte conexão com a literatura, uma vez que Freud analisou personagens literários e situações com foco no conceito de “inconsciente”, utilizando a literatura como referencial. Dessa forma, podemos dizer que Freud, além de psicanalista, foi o primeiro crítico a praticar a chamada crítica literária psicanalítica. (SOUZA, 2009).

4.1.9.2 Proposta da teoria/objetivos

A crítica literária psicanalítica é de natureza interpretativa e, para ser praticada, requer temas e relações psicanalíticas perceptíveis em obras literárias (CULLER, 1999). Portanto, os métodos e conceitos aplicados variam conforme cada crítico, sendo o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) o mais importante deles, visto que desenvolveu a análise do inconsciente de personagens diversos. Por fim, trabalhos acadêmicos que pretendem utilizar o arcabouço teórico das correntes

psicanalíticas demonstram a visão que os pesquisadores têm sobre a psicanálise e exigem bastante estudo dentro desse campo. (SOUZA, 2009).

4.1.9.3 Principais trabalhos

- FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Trad. Ernani Chaves. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2015.
- LACAN, Jacques. **Hamlet por Lacan**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1986.
- KRISTEVA, Julia. **La révolution du langage poétique**. Paris: Seuil, 1974.

4.1.9.4 Relações/afinidades com outras áreas do saber e com outras teorias

- Linguística;
- Semiótica.

4.2 Outras possibilidades teóricas

É importante ressaltar que a análise de uma obra literária realizada por meio de uma pesquisa acadêmica (com ou sem supervisão) deve passar obrigatoriamente por um olhar atento. Assim, antes da escolha do arcabouço teórico (dentre a grande quantidade de caminhos possíveis apresentados neste livro), há que se pensar na escolha da obra a ser analisada. Essa escolha deve levar em conta alguns fatores, tais como: a recepção crítica a essa obra, o fato de ela ser ou não considerada uma obra canônica, a questão do valor estético, a alocação dessa obra em determinado período literário (o que chamamos de periodização em Teoria da Literatura), dentre outros.

No tocante à escolha de uma obra contemporânea, há que se observar se essa obra pode ou não ser considerada como pós-modernista. Segundo Fernandes (2009), o pós-modernismo é um movimento cultural característico da era atual que inclui manifestações artísticas diversas refletindo as novas configurações da sociedade. Em obras pós-modernistas são comuns experimentações com a

linguagem, o uso de novas técnicas narrativas, a questão da polifonia e a temática diversificada (e ligada ao cenário contemporâneo). Além disso, elas são fortemente marcadas pela intertextualidade (a produção de textos literários a partir de outros já existentes, porém dentro de um novo contexto). Portanto, entendemos ser possível realizar análises de obras literárias também a partir de uma infinidade de trabalhos sobre a estética pós-modernista na literatura.

Também vale destacar que o diálogo entre os estudos literários e outras áreas do saber mostra-se enriquecedor. Queremos dizer com isso que, além das chamadas correntes críticas, há trabalhos teóricos de outros campos que podem render pesquisas de grande relevância. Essas pesquisas utilizam a literatura como objeto de estudo, mas não pela vertente da crítica, realizando outras formas/possibilidades de análise. Podemos destacar a Semiótica (já citada ao longo deste material), os Estudos de Tradução (com foco na questão da tradução literária) e os Estudos de Adaptação, este último evocando o conceito de intermedialidade e trazendo à tona os chamados Estudos Interartes (que relacionam a literatura em seu formato tradicional a outras mídias e a novos formatos).

Enfim, nossa intenção é mostrar que é possível levantar “material teórico” para a realização de uma pesquisa acadêmica envolvendo uma obra literária a partir de campos diversos, não somente das correntes críticas.

Revisando

Neste capítulo conhecemos algumas das teorias, correntes críticas e campos de estudo mais utilizados na elaboração de pesquisas acadêmicas da contemporaneidade e que têm como objeto uma obra literária, ampliando assim nossa visão sobre a Teoria da Literatura.

Saiba mais

Livro: CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

Importante trabalho da pesquisadora brasileira Maria Elisa Cevasco, que traça um panorama histórico sobre o surgimento dos Estudos Culturais como disciplina acadêmica, bem como sua relação com os Estudos Literários.

Livro: MOI, Toril. **Teoria literária feminista**. Trad. Amaia Bárcena. Madrid: Cátedra, 1995.

Considerado um clássico no campo da crítica literária feminista, esse livro de Toril Moi aborda, dentre outras questões, as relações entre possíveis temas apresentados em obras literárias e a pauta da crítica literária feminista contemporânea.

Artigo: WALTER, Roland. Vozes Ameríndias das Américas: literatura, descolonização e autodeterminação. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 74, n. 1, p. 327-345, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/73796>. Acesso em: 14 nov. 2021.

Neste trabalho, o Professor Roland Walter utiliza a temática dos estudos étnicos e das teorias pós-colonialistas para discutir a questão da identidade ameríndia a partir de diversas obras literárias citadas.

Referências

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009a.p. 257-285.

_____. Teorias estruturalistas e pós-estruturalistas. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009b. p. 131-157.

CASTLE, Gregory. **The Blackwell guide to literary theory**. Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2007.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e estudos culturais. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 319-325.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERNANDES, Gisèle Manganelli. O pós-modernismo. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 302-315.

PILCHER, Jane; WHELEHAN, Imelda. **Fifty key concepts in gender studies**. London: SAGE Publications, 2004.

SANTOS, Célia Regina dos Santos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 337-352.

SCHILB, John; CLIFFORD, John. **A brief guide to arguing about literature**. 2. ed. Boston e New York: Bedford: St. Martin's, 2017.

SISCAR, Marcos. A desconstrução de Jacques Derrida. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 201-210.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Ática, 2007.

SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica psicanalítica. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 243-255.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da recepção. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 189-199.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 217-242.